

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**ALESSANDRA KEILLA DA SILVA**

**A PRODUÇÃO DE NOVIDADES NA AGRICULTURA FAMILIAR ATRAVÉS DA  
COOPERAÇÃO: O CASO DA COOPEAGRO EM MARAGOGI-AL**

**Porto Alegre  
2022**

**ALESSANDRA KEILLA DA SILVA**

**A PRODUÇÃO DE NOVIDADES NA AGRICULTURA FAMILIAR ATRAVÉS DA  
COOPERAÇÃO: O CASO DA COOPEAGRO EM MARAGOGI-AL**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Daniela Garcez Wives

**Porto Alegre  
2022**

## CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Alessandra Keilla da

A produção de novidades na agricultura familiar através da cooperação: o caso da COOPEAGRO em Maragogi-AL / Alessandra Keilla da Silva. -- 2022. 98 f.

Orientadora: Daniela Garcez Wives.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Cooperação agrícola. 2. Produção de novidades. 3. Desenvolvimento rural. I. Wives, Daniela Garcez, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**ALESSANDRA KEILLA DA SILVA**

**A PRODUÇÃO DE NOVIDADES NA AGRICULTURA FAMILIAR ATRAVÉS DA  
COOPERAÇÃO: O CASO DA COOPEAGRO EM MARAGOGI-AL**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 23 de maio de 2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Daniela Garcez Wives - Orientadora  
UFRGS

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Daniela Oliveira  
UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Jaqueline Mallmann Hass  
UFRGS

---

Prof. Dr. João Manoel da Silva  
UESPI

*Dedico este trabalho a todos (as) agricultores(as)  
alagoanos que transformam a realidade no campo,  
com amor, força e dedicação.*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de registrar meus profundos agradecimentos a todas as pessoas que fizeram parte dessa minha caminhada nessa trajetória no mestrado.

Agradeço toda minha família, em especial meu Pai José Cícero da Silva e minha Mãe Luciana Maria da Silva, por sempre me apoiarem com seu carinho e fé em mim, e a minha tia Lucineide Maria da Silva pelas orações, conselhos e escuta. Aos meus amigos e amigas, em especial Jefferson Henrique Gomes, que sempre esteve disponível para me ouvir e me prestar apoio nesse processo de escrita, que não foi tão solitário pois tinha sua companhia, mesmo que virtualmente.

Agradeço também a Jonathan Nunes de Souza por ser a pessoa que me traz pro chão, que puxa minha orelha e que tem sido meu companheiro. Agradeço a Arlla Katharine Xavier de Lima, Anusk da Silva Oliveira, Crislândia Carvalho do Amparo, Edcleide da Rocha Silva, Rafaela Costa Amaral, Crísea Cristina Nascimento de Cristo, Antoniel Silva de Almeida, por serem minha rede de apoio, de escuta e amor desde minha graduação na Universidade Federal de Alagoas.

Agradeço a minha querida orientadora Daniela Garcez Wives, por todo apoio e dedicação, pelas conversas e contribuições dadas para minha pesquisa e minha vida. Você é uma inspiração para mim.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural-PGDR/UFRGS, aos professores e professoras, técnicos e técnicas que fazem com que esse programa seja a referência que é. A todos os meus e minhas colegas da turma de Mestrado 2020, foi um prazer e um privilégio compartilhar momentos com vocês, mesmo que virtualmente, vocês foram parte fundamental na minha caminhada até aqui.

Agradeço a COOPEAGRO, todos e todas que fazem parte da instituição, por abrir as portas da cooperativa e de suas casas, por serem parte fundamental da construção dessa dissertação. E agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, pelo financiamento e conseqüentemente, a possibilidade de conclusão desta etapa importante.

Meu muito obrigada, vocês fazem parte de uma caminhada que está cada vez mais grandiosa, mas que está longe de acabar!

“A escrita pode ser uma experiência fascinante de descoberta e superação.”  
(DINIZ, 2013, p. 63)

## RESUMO

Este estudo foi desenvolvido no município de Maragogi-AL, que é a maior área de reforma agrária em Alagoas. A partir da abordagem de produção de novidades, que compreende as novidades com desvios as regras sociotécnicas pré-existentes, como quebras nas rotinas e a emergência de formas de organização, instrumentos, novas formas de fazer inéditas para aquela localidade, esse trabalho teve por objetivo analisar experiência da Cooperativa dos Pequenos Agricultores Organizados (COOPEAGRO), para compreender se ela se constitui como uma novidade. A fim de compreender como os atores e as redes de atores, com suas inter-relações, criam métodos e ferramentas para enfrentar os regimes vigentes, este trabalho se apoia na Perspectiva Orientada ao Ator (POA) como instrumento teórico-metodológico. Pois compreende-se neste trabalho que os atores envolvidos nos processos de construção dessas estratégias, são agentes ativos e por isso com voz ativa neste trabalho. O estudo foi realizado a partir da abordagem qualitativa, e a coleta de dados se deu através de entrevistas aos atores e instituições envolvidas com a experiência da COOPEAGRO, entre outubro de 2021 e fevereiro de 2022, em observância dos protocolos de segurança da crise sanitária de Covid-19. A partir dos elementos mobilizados neste estudo, pode-se compreender a COOPEAGRO como uma novidade organizacional, que tensiona e mobiliza os atores envolvidos no seu contexto para produzir outras novidades, sejam elas produtivas, organizacionais, tecnológicas e de mercados. Através da experiência cooperativa os agricultores e agricultoras estão demonstrando suas capacidades de agência, sendo importantes mobilizadores de conhecimento e dos recursos locais para a transformação da realidade local e fortalecendo a agricultura familiar no município. A cooperativa nasce como instrumento de enfrentamento as dificuldades de produção e comercialização e hoje é uma das experiências cooperativas de maior destaque em Alagoas. Entendendo a importância de evidenciar dinâmicas de desenvolvimento rural, antes “escondidas”, este trabalho pretende trazer a lume a produção de novidades através da cooperação.

**Palavras-chaves:** Cooperação agrícola. Produção de novidades. Desenvolvimento rural.

## **ABSTRACT**

This study was developed in the municipality of Maragogi-AL, which is the largest agrarian reform area in Alagoas. From the approach of producing novelties, which includes novelties with deviations from pre-existing sociotechnical rules, such as breaks in routines and the emergence of forms of organization, instruments, new ways of doing unprecedented for that locality, this work aimed to analyze the experience of the Cooperativa dos Pequenos Agricultores Organizados (COOPEAGRO), to understand if it constitutes a novelty. In order to understand how actors and networks of actors, with their interrelationships, create methods and tools to face current regimes, this work is based on the Actor-Oriented Perspective (AOP) as a theoretical-methodological instrument. Because it is understood in this work that the actors involved in the processes of construction of these strategies are active agents and therefore with an active voice in this work. The study was carried out using a qualitative approach, and data collection took place through interviews with the actors and institutions involved with the experience of COOPEAGRO, between October 2021 and February 2022, in compliance with the safety protocols of the health crisis of Covid-19. From the elements mobilized in this study, COOPEAGRO can be understood as an organizational novelty, which tensions and mobilizes the actors involved in its context to produce other novelties, whether productive, organizational, technological or market. Through the cooperative experience, farmers are demonstrating their agency capabilities, being important mobilizers of knowledge and local resources for the transformation of the local reality and strengthening family farming in the municipality. The cooperative was born as an instrument to face the difficulties of production and commercialization and today it is one of the most outstanding cooperative experiences in Alagoas. Understanding the importance of highlighting rural development dynamics, which were previously “hidden”, this work aims to bring to light the production of novelties through cooperation.

Keywords: Agricultural cooperation. Novelty production Approach. Rural development.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Coleta de dados, entrevista na sede da COOPEAGRO, 2022 .....	16
Figura 2 - Localização geográfica do município de Maragogi. ....	17
Figura 3 - Sede da COOPEAGRO, em Maragogi-AL.....	18
Figura 4 - Condições dos recém-assentados da reforma agrária em Maragogi-AL, 1997 .....	43
Figura 5 - Registros de reunião com os assentamentos integrantes do projeto PEAGRO, 2001 .....	45
Figura 6 - Assembleia da COOPEAGRO, 2003 .....	47
Figura 7- Registros do encontro da COOPEAGRO com cooperativas da província de Trento na Itália, 2003 .....	48
Figura 8 - Registros da construção do galpão sede da COOPEAGRO, 2003.....	49
Figura 9 - Área Produtiva no Assentamento Bom Jesus.....	60
Figura 10 - Criação de Galinhas para postura de ovos .....	62
Figura 11 - Casa das Frutas no Assentamento Bom Jesus .....	63
Figura 12 - Fábrica de Polpas da COOPEAGRO.....	65
Figura 13 - Feira no Galpão da COOPEAGRO, 2006 .....	66
Figura 14 - Associação Mulheres de Fibra.....	68
Figura 15 - Trilha do Visgueiro .....	69
Figura 16 - Ambiente de produção de novidades da COOPEAGRO .....	71
Figura 17 - Paisagens que contrastam, a esquerda assentamento Bom Jesus, a direita área de fazenda do município. ....	72
Figura 18 - Área de produção de Açaí propriedade do Sócio Ricardo .....	77
Figura 19 - Área de produção de Pitáia, Assentamento Bom Jesus .....	78
Figura 20 - Café de açaí, Assentamento Bom Jesus .....	79
Figura 21 - Página do Instagram Maragogi Rural.....	80

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>NOTAS INTRODUTÓRIAS: PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS E METODOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
1.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	15
1.1.1	<b>Caracterização do local da pesquisa: o município de Maragogi-AL.....</b>	<b>16</b>
1.1.2	<b>Coleta e Análise de dados .....</b>	<b>18</b>
1.2	QUAIS OS PASSOS QUE FIZERAM A PESQUISADORA CHEGAR A ESSE CONTEXTO DE ESTUDO?.....	20
<b>2</b>	<b>PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA ANALISAR PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO RURAL: A PERSPECTIVA ORIENTADA AO ATOR E A PRODUÇÃO DE NOVIDADES .....</b>	<b>23</b>
2.1	DESENVOLVIMENTO E O DEBATE SOBRE INOVAÇÕES.....	24
2.2	A PERSPECTIVA ORIENTADA AO ATOR (POA) .....	27
2.3	A ABORDAGEM DA PRODUÇÃO DE NOVIDADES ( <i>NOVELTY PRODUCTION APPROCH</i> ).....	30
<b>3</b>	<b>O DESENVOLVIMENTO RURAL ALAGOANO: UM RECUO HISTÓRICO PARA COMPREENDER AS NUANCES DA QUESTÃO AGRÁRIA DE ALAGOAS.....</b>	<b>33</b>
3.1	PERÍODO COLONIAL: OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO, INTRODUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR E DINÂMICAS SOCIOPRODUTIVAS .....	34
3.2	PERÍODO DE MODERNIZAÇÃO DO SETOR SUCROALCOOLEIRO: AGROINDÚSTRIALIZAÇÃO, REFORMULAÇÃO DE TÉCNICAS PRODUTIVAS E NOVAS DAS DINÂMICAS SOCIAIS .....	36
3.3	PERÍODO CONTEMPORÂNEO: REFLEXOS SOCIAIS, ECONÔMICOS E CULTURAIS HERDADOS PELO VERDE DA CANA E A LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA.....	38
<b>4</b>	<b>A COOPEAGRO SUA HISTÓRIA E A INTER-RELAÇÃO DE ATORES E INSTITUIÇÕES PARA A TRANSFORMAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR EM MARAGOGI-AL .....</b>	<b>40</b>
4.1	PROJETO PEAGRO: A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE VIABILIDADE PRODUTIVA.....	41
4.2	CRIAÇÃO DA COOPEAGRO: A EMERGÊNCIA DO COOPERATIVISMO COMO POSSIBILIDADE DE ABERTURA DE MERCADOS .....	46

<b>5</b>	<b>PRODUZINDO NOVIDADES ATRAVÉS DA COOPERAÇÃO .....</b>	<b>52</b>
5.1	A COOPERAÇÃO COMO POSSIBILIDADE PARA EMERGÊNCIA DE NOVIDADES NA AGRICULTURA FAMILIAR.....	53
5.2	DE ONDE VEM ESSES ATORES, QUAIS SUAS TRAJETÓRIAS?.....	55
5.3	ANALISANDO O CASO DA COOPEAGRO: AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA COOPERATIVA E SEUS IMPACTOS INOVATIVOS	59
<b>5.3.1</b>	<b>Diversificação produtiva .....</b>	<b>59</b>
<b>5.3.2</b>	<b>Construção de equipamentos sociais coletivos: Casa das frutas, Cisternas e açudes, casa do mel.....</b>	<b>62</b>
<b>5.3.3</b>	<b>A agroindustrialização: a Fábrica de polpas da COOPEAGRO .....</b>	<b>64</b>
<b>5.3.4</b>	<b>Inserção nos Mercados: PAA, PNAE, Mercados de cadeia longa e de proximidade .....</b>	<b>66</b>
<b>5.3.5</b>	<b>Apoio a novas iniciativas da região: Mulheres de Fibra e Trilha do Visgueiro .....</b>	<b>67</b>
5.4	A COOPEAGRO COMO UMA NOVIDADE ORGANIZACIONAL: A AGÊNCIA DOS ATORES PARA A GERAÇÃO NOVIDADES MULTIDIMENSIONAIS....	69
5.5	AGRICULTORES EXPERIMENTADORES: A INTERNET E AS REDES SOCIAIS PARA A MOBILIZAÇÃO DE NOVOS CONHECIMENTOS E NOVOS PRODUTOS .....	76
5.6	PLANTANDO POSSIBILIDADES COLHENDO AUTONOMIA: A COOPEAGRO E O FORTALECIMENTO DOS AGRICULTORES FAMILIARES ENQUANTO AGENTES DE MUDANÇA.....	81
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>88</b>
	<b>APÊNDICE A - MODELO DE DIÁRIO DE CAMPO .....</b>	<b>94</b>
	<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>95</b>
	<b>APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA NÃO DIRETIVA .....</b>	<b>98</b>

## **1 NOTAS INTRODUTÓRIAS: PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS E METODOLOGIA**

Este trabalho versa sobre a produção de novidades na agricultura familiar, onde as atividades inovativas são essenciais para o enfrentamento de regimes vigentes que impossibilitam a plena reprodução social desta categoria. A agricultura familiar abarca uma enorme diversidade, e por ser bastante heterogênea, se reproduz de forma singular a depender das possibilidades a que estão expostas. Portanto, aqui se estudou o caso da produção de novidades na agricultura familiar em Maragogi-AL, focando mais especificamente na experiência da Cooperativa dos Pequenos Agricultores Organizados (COOPEAGRO).

Na agricultura, o processo de produção de conhecimento e inovação é inerente às atividades desenvolvidas nas práticas do dia a dia dos agricultores. No entanto, em muitos países ocorreu a institucionalização da produção de conhecimentos e inovação, principalmente com projetos e políticas de modernização para o setor. Nos países em desenvolvimento, as políticas intervencionistas foram coordenadas pelo Estado, de maneira integrada nacionalmente através de órgãos de ensino, pesquisa e extensão com o objetivo de alcançar a modernização da agricultura sob a égide de projetos de cunho desenvolvimentistas (BRUNORI *et al.*, 2011). No caso brasileiro, este processo teve início nos anos 1960 onde a extensão rural, as políticas de subsídio de crédito agrícola e a pesquisa agrícola, passaram a ter um papel de central na agenda governamental com vias ao desenvolvimento rural.

As características desse processo modernizador são, primeiramente, uma concepção de que as mudanças na agricultura devem ser condicionadas a alterações nos fatores de produção, e, portanto, devem ser substituídos os instrumentos tradicionais por modernos (como maquinários e insumos externos as propriedades). E segundo, uma concepção linear de que a produção de conhecimento e as inovações são produzidas de forma externa e depois alocados nos ambientes produtivos.

Esse processo de desenvolvimento rural, no Brasil, com visões desenvolvimentistas, ao qual ficou conhecido como modernização conservadora da agricultura, trouxe grandes consequências ambientais, sociais e econômicas. Podemos citar o aumento da dependência tecnológica, um elevado nível de desagregação dos processos agrícolas com o meio ambiente, degradação ambiental,

a ampliação da pobreza, dependência financeira dos agricultores etc. (RICARDIO, 2011).

No caso do estado de Alagoas, que desde o período colonial a agricultura estava orientada para a produção de produtos agroexportadores, com grande destaque a cana-de-açúcar, que até os dias atuais é a atividade de maior expressão para a economia do estado, as consequências da modernização da agricultura também foram sentidas. A cana-de-açúcar está fortemente atrelada aos grandes latifúndios, a exploração dos recursos naturais, assim como a exploração e subordinação de determinados grupos sociais; e com a modernização da agricultura de 1960 a 1990, resultou numa transformação do setor com a construção de várias usinas sucroalcooleiras no estado, que tornaram mais acelerados os impactos gerados pela produção da cana-de-açúcar (DIEGUES JÚNIOR, 2006). Esgotamento dos solos, desmatamento, poluição dos mananciais de água, concentração de terras, exploração trabalhista, êxodo rural, são alguns dos impactos que podemos citar.

No entanto, a partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000, com fechamento das usinas sucroalcooleiras decorrentes de uma crise no setor, foram possíveis a abertura de espaços para a luta pela terra que desemboca em projetos de reforma agrária em todo território alagoano. Em Maragogi-AL, município situado no Litoral Norte do estado, cerca de 130 km da capital, a reforma agrária teve expressivo êxito, ao que se refere a distribuição de terras, e atualmente conta com 20 projetos de assentamentos rurais. No entanto, esses assentamentos apresentam deficiências em disponibilidade de água, saúde, iluminação pública, educação, pouco acesso à assistência técnica e a crédito agrícola, fatores esses que dificultam a produção e comercialização dos assentados (COSTA; FERNANDES, 2013). Na busca pelo enfrentamento dos problemas estruturais e produtivos pelos quais esbarram cotidianamente, os agricultores familiares dos assentamentos de Maragogi vêm experienciando através da cooperação novos horizontes de desenvolvimento social, econômico e ambiental (OLIVEIRA; PACÍFICO, 2011).

A experiência da COOPEAGRO teve como início o Projeto Pequenos Produtores Organizados (PEAGRO), o qual em 2001 começou a realizar ações para proporcionar uma maior organização dos antigos trabalhadores rurais (e posteriormente assentados da reforma agrária) nos acampamentos rurais do município de Maragogi, bem como promover a diversificação produtiva e produção agrícolas mais sustentáveis e promoção de assistência técnica. A principal meta era,

transformar os “trabalhadores rurais em agricultores”, visto que, os trabalhadores rurais das fazendas e usinas de cana-de-açúcar que agora estavam sendo introduzidos no novo território na condição de assentados não tinham experiência com culturas ligadas a subsistência. A participação desses recém assentados no projeto PEAGRO foi primeiro passo para se consolidar o espírito cooperativo. O êxito do projeto acabou resultando no nascimento da COOPEAGRO em 7 de setembro de 2003. Visando principalmente o fortalecimento dos processos de processamento e comercialização da produção de seus sócios, a cooperativa começou suas atividades com 70 sócios e estava presente em 7 assentamentos do município (OLIVEIRA; PACÍFICO, 2011).

Atualmente a cooperativa conta com 135 cooperados e vem mostrando o potencial da agricultura familiar alagoana através do cooperativismo<sup>1</sup>. As atividades desenvolvidas pelos agricultores no âmbito da instituição se dividem em produção agrícola, produção agropecuária, processamento e comercialização, artesanato e turismo rural. A COOPEAGRO se revela como uma experiência exitosa para a agricultura familiar, não só no município de Maragogi, mas como no estado de Alagoas. Através das atividades desenvolvidas no âmbito da cooperativa os agricultores familiares inseridos neste contexto estão experimentando novos modelos de produção, se inserido numa experiência de agroindustrialização e introduzindo seus produtos em novos mercados, fortalecendo novas experiências de cooperação e associativismo. E que aqui, neste trabalho, essas atividades são analisadas a partir do seu potencial inovativo.

Para isto, neste estudo o termo chave Produção de Novidades será de fundamental importância, ele foi proposto com o objetivo de evidenciar fenômenos de inovação emergentes em espaços rurais (MEDEIROS; MARQUES, 2011). Por ser uma abordagem que permite aos estudos rurais evidenciar quebras nas rotinas

---

<sup>1</sup> Segundo Pires: “Por Cooperativismo entendemos um fenômeno de amplitude universal ligado a uma forma de organização empresarial, pautada numa legislação específica e num conjunto doutrinário e filosófico, através do qual estão ordenados os seus valores e princípios. Os valores dizem respeito a temas como ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade, solidariedade, honestidade, transparência, responsabilidade social e preocupação com seu semelhante, os quais fundamentam os princípios. Os princípios são: da adesão livre e voluntária; do controle democrático pelos sócios; da participação econômica dos sócios; da independência e autonomia das cooperativas; da educação, treinamento e formação; da cooperação entre cooperativas; da preocupação com a comunidade” (2004, p.36). Enquanto cooperativa seria, “uma expressão concreta, enquanto uma forma de manifestação possível do cooperativismo. E, mais especificamente, o modus operandi configurado na forma de uma empresa que atua no mercado em nome dos seus membros ou cooperados” (PIRES, 2004, p.37).

existentes através de novas práticas e modos outros de fazer promovidos pelos agricultores familiares (PLOEG *et al.*, 2004), este trabalho se apoia nela. Para compreender como os atores e as redes de atores, com suas inter-relações, conseguem criar métodos e ferramentas para enfrentar e transgredir os regimes vigentes, este trabalho amparou-se na Perspectiva Orientada ao Ator (POA) como instrumento teórico-metodológico (LONG, 2007). Com o objetivo de fazer com que os atores envolvidos nos processos de construção dessas estratégias, sejam agentes ativos e com voz ativa neste trabalho.

A experiência da COOPEAGRO se revela como um campo de estudo promissor para compreender a trajetória dos processos inovativos para a geração de novidades no contexto rural alagoano. A potencialidade deste estudo é trazer elementos para discutir como a mobilização e organização social para a construção de espaços de cooperação podem estar impactando as dinâmicas sociais, políticas, econômicas deste território e produzindo novidades na agricultura familiar no município de Maragogi, Alagoas.

A questão central que norteia este trabalho é se a COOPEAGRO a partir das relações e agência dos atores consegue ser identificada como uma novidade, bem como, se dentro do ambiente da instituição da cooperativa são geradas outras novidades decorrentes desse contexto. Para isto, foram definidos os objetivos deste estudo. O objetivo geral consiste em analisar se a experiência da COOPEAGRO se constitui como uma novidade na agricultura familiar em Maragogi-AL. E os objetivos específicos são:

- a) descrever a história de constituição da COOPEAGRO, bem como dos atores presentes envolvidos neste processo;
- b) identificar quais as principais novidades em curso na experiência da COOPEAGRO;
- c) analisar a agência dos atores, redes e instituições envolvidas, bem como suas dinâmicas sociais.

Nas próximas seções deste capítulo introdutório, serão abordados os passos metodológicos realizados para o cumprimento dos objetivos acima elencados, bem como trará à luz dos/das leitores/as a caminhada da pesquisadora para chegar até esse contexto de estudo.

## 1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é um estudo de caso que tem por objetivo analisar a produção de novidades na agricultura familiar no município de Maragogi-AL, partindo como contexto da pesquisa a COOPEAGRO. O estudo de caso, segundo Fonseca (2002), tem como finalidade aprofundar o conhecimento sobre um determinado contexto, procurando saber sobre suas especificidades e, assim, fazendo com que através das respostas dos ‘como e porquês’ sejam reveladas suas dinâmicas.

A abordagem que orientou esta pesquisa foi a qualitativa, pois possibilita expressar os sentidos do mundo social e diminuir distâncias entre os atores (pesquisador e pesquisado), entre a teoria e os dados, contexto e ação (MAANEN, 1979). A pesquisa qualitativa se preocupa em explicar as dinâmicas sociais, focando em um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que envolvem fenômenos sociais complexos que não podem ser vistos apenas como meras variáveis a serem operacionalizadas (MINAYO, 2001).

A metodologia está centrada no ator social, por acreditar que ao adotar esse ponto de partida nos estudos sobre desenvolvimento “as questões, problemas, desejos, orientações e eventos que têm carga afetiva para os atores” (ARCE; MARQUES, 2021, p.50) serão colocadas como fundamentais para se entender as problemáticas envolvidas no estudo. Dessa forma, para alcançar os objetivos aqui almejados, foram focados como participantes desta pesquisa os atores envolvidos no contexto da COOPEAGRO, sendo estes agricultores(as) familiares assentados(as) da reforma agrária que estão associadas a cooperativa, o corpo técnico e administrativo da cooperativa e agentes de instituições que interagem com a cooperativa (Secretária municipal etc.).

Figura 1 - Coleta de dados, entrevista na sede da COOPEAGRO, 2022

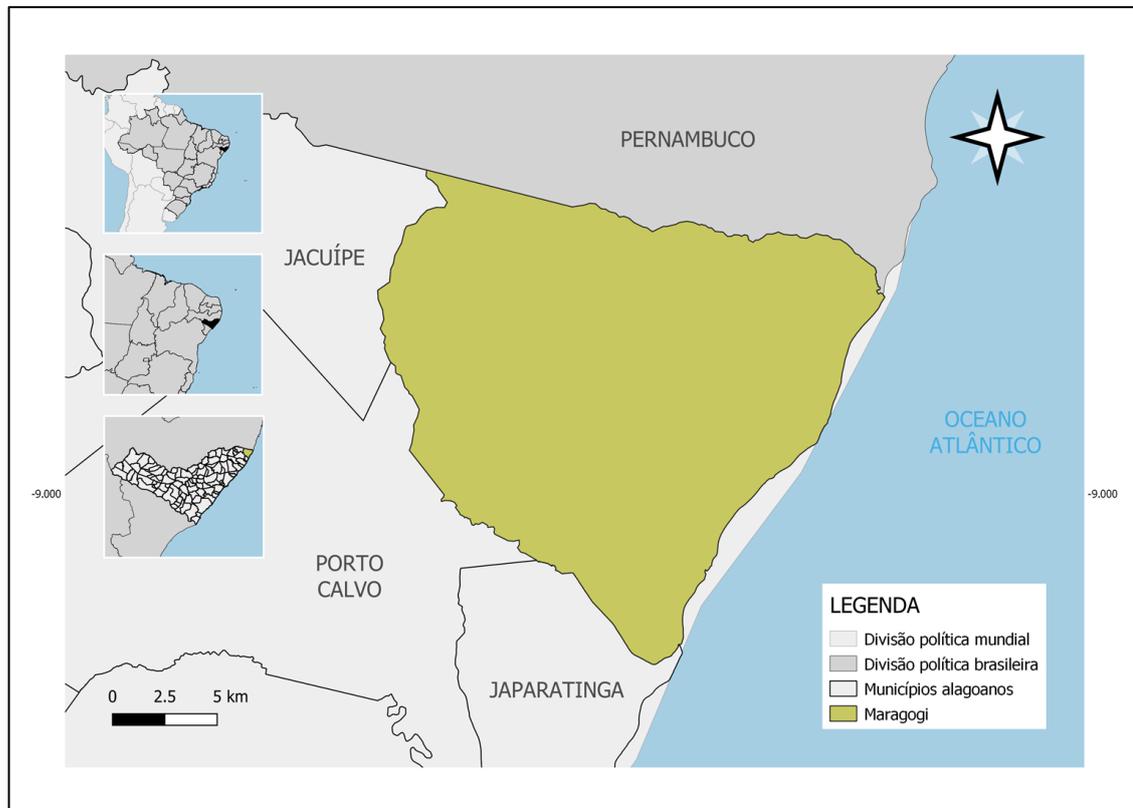


Fonte: Elaborada pela autora, com base nos dados do campo.

### 1.1.1 Caracterização do local da pesquisa: o município de Maragogi-AL

O município de Maragogi está localizado no litoral norte de Alagoas, a cerca de 130 km da capital alagoana. Com um território de 334,165 km<sup>2</sup> e uma população de 33.351 habitantes (IBGE, 2021), o município tem como bases da sua economia o turismo onde é reconhecida pelas suas belezas litorâneas, mas também se destaca pela produção agrícola.

Figura 2 - Localização geográfica do município de Maragogi



Fonte: Elaborada pela autora.

O município tem grande contribuição nos acontecimentos históricos da região, pois ele tinha seu território pertencente ao município de Porto Calvo, primeiro centro de povoamento colonial do território alagoano. Dessa forma, Maragogi se situa em uma região sob forte influência da cana-de-açúcar, e com isso marcada por intensos conflitos por terra.

Em meados de 1990, com as modificações provenientes da reestruturação do setor sucroalcooleiro e a falência de usinas na zona da mata e litoral norte alagoano e litoral sul pernambucano, começam a emergir movimentos sociais de luta pela terra que culminam em projetos de assentamentos rurais. Contando com 20 assentamentos rurais que ocupam 2/3 do território do município, que se destaca como uma das maiores áreas reformadas do Brasil. Os assentados da reforma agrária têm perfis diversificados, no entanto, a maior parte se constitui por antigos trabalhadores rurais do corte de cana (NASCIMENTO, 2010).

O presente estudo, tem como cenário de pesquisa a Cooperativa dos Pequenos Agricultores Organizados, bem como os assentamentos onde os sócios estão

vinculados. Atualmente a cooperativa conta com 135 cooperados, e está presente em 14 assentamentos rurais de Maragogi. A sede da cooperativa está localizada no município de Maragogi às margens da rodovia AL-101 Norte.

Figura 3 - Sede da COOPEAGRO, em Maragogi-AL.



Fonte: Elaborada pela autora, com base nos dados do campo.

### 1.1.2 Coleta e Análise de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de três vias, a primeira através de entrevistas com os atores e as instituições envolvidas no contexto da pesquisa. A segunda pelo levantamento de dados secundários, que se valeu da coleta de dados através de documentos, arquivos, materiais bibliográficos etc., pessoais ou públicos. A terceira, da observação em campo pela pesquisadora.

Quanto as entrevistas, foram utilizados roteiros semiestruturados (APÊNDICE B), onde as questões foram previamente organizadas pela pesquisadora em conjunto com a sua orientadora. Os roteiros semiestruturados são instrumentos de pesquisa adequados para compreender com a profundidade necessária as percepções dos entrevistados. As entrevistas semiestruturados, com questões abertas, foram

aplicadas de forma individual, pois revelam com precisão, quais os indivíduos responderam os questionamentos, além de reduzir as pressões sociais causadas por grupos permitindo maior troca de informações (MALHORTA, 2006). Foram realizadas também entrevistas não-diretivas, com um roteiro, (APÊNDICE C) com representantes das instituições envolvidas no contexto pesquisado, a entrevista não-diretiva permite a pesquisadora adentrar em um determinado tema com o mínimo de questionamento direto, assim pretende-se que os/as entrevistadas/os possam falar de forma livre sobre o assunto com suas próprias associações e questionamentos, bem como inserir relevância em determinadas situações (HOFFMANN; OLIVEIRA, 2009). Os registros das entrevistas se deram através de notas, gravações de áudio e registros fotográficos e vídeos das entrevistas e das visitas a campo, com a permissão dos interlocutores.

Foram realizadas 15 entrevistas, sendo 10 com sócios da cooperativa, 3 com o corpo técnico da cooperativa e 2 com a Secretária Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento (SEMAPA), bem como visitas 5 visitas de campo nos lotes dos agricultores, passando por 7 assentamentos dos 14 assentamentos que a cooperativa está presente na figura de seus sócios, e 1 visita a agroindústria da cooperativa. Além das visitas, foi possível acompanhar a reunião ordinária da cooperativa. O levantamento dos dados em campo foi realizado entre outubro de 2021 e fevereiro de 2022, em observância aos protocolos de segurança sanitárias exigidos com a pandemia de Covid-19. As entrevistas foram feitas mediante a indicação de interlocutores chaves que apontaram novos interlocutores que poderiam trazer mais informações sobre o contexto estudado. O número de entrevistas não foi objetivado anteriormente, o número se deu a partir da visualização da saturação e informações repetidas ao longo das entrevistas. Segundo Fontanella *et al.*, (2008), a amostragem por saturação de dados é uma ferramenta frequentemente utilizada em pesquisas qualitativas, onde o/a pesquisador/a ao identificar repetição de informações suspende a inclusão de novos participantes na pesquisa, evitando assim, redundâncias que não são consideradas relevantes para a pesquisa.

Quanto a observação, se valeu da coleta da geração de dados por diário de campo (APÊNDICE A). A observação, segundo Víctora (2000), é uma ferramenta de geração de dados que integra o ambiente, a linguagem verbal e não verbal e a sequência e temporalidade dos fatos, para descrever a problemática estudada.

A tabulação dos dados gerados para esta pesquisa foi feita através da análise e interpretação, à luz do referencial teórico metodológico, das informações adquiridas

pelos registros escritos, observacionais e discursivos, que foram levantados a partir do diário de campo, da análise de documentos e memórias físicas, das entrevistas e dos registros audiovisuais. Para a análise, foi utilizado o Software NVIVO para o auxílio da organização dos dados, sua categorização e as reflexões ocasionadas pelo processo de transcrição das entrevistas.

O NVivo é um programa para análise de informação qualitativa que integra as principais ferramentas para o trabalho com documentos textuais, multimétodo e dados bibliográficos. Ele facilita a organização de entrevistas, imagens, áudios, discussões em grupo, leis, categorização dos dados e análises. Na parte de dados qualitativos é possível realizar transcrição de vídeos e áudios, codificar texto, análises de redes sociais e/ou páginas da web, entre outros. Já na parte quantitativa tem-se estatística descritiva, inferencial e até mesmo meta-análise (ALVES *et al.*, 2015).

Alguns autores destacam os atributos do software para o auxílio ao pesquisador(a) no processo de organização e análise dos dados em pesquisas qualitativas. Lage (2010), Jacks *et al.*, (2016), Cavalcanti *et al.*, (2017), Botelho *et al.*, (2017) e Freitas, Arruda e Falqueto (2017) destacam oito pontos : primeiro a facilidade para trabalhar com dados não estruturados; segundo, a organização de materiais em quantidade em apenas um lugar; terceiro, a possibilidade de pesquisar termos e frequência de palavras; quarto, o tempo do pesquisador(a) é melhor otimizado; quinto, melhora a segurança no armazenamento do material utilizado na pesquisa; sexto, a possibilidade de armazenamento em equipamentos móveis; sétimo, a possibilidade de importar e exportar os arquivos em diferentes formatos; e oitavo, a possibilidade de identificar as relações entre os objetivos e os materiais disponíveis.

## 1.2 QUAIS OS PASSOS QUE FIZERAM A PESQUISADORA CHEGAR A ESSE CONTEXTO DE ESTUDO?

Nesta seção irei abrir um parêntese, para escrever em primeira pessoa, pois, pretendo versar sobre a minha experiência enquanto pesquisadora e minha aproximação com o contexto estudado.

A minha trajetória se inicia com minha formação enquanto pessoa, sou neta de agricultores familiares, filha de um trabalhador rural e uma costureira. Desde minha infância o rural se fez presente, o ano do meu nascimento é um marco importante para minha família, pois, após anos de luta e participação dos meus avós nos movimentos

sociais de luta pela terra, finalmente minha avó e meu avô chegam a conquistar seu lote no assentamento Canafístula, em Jacuípe, Alagoas. Sendo assim, minha infância foi marcada por idas à parcela, participar de algumas atividades do campo com meus pais e meus avós em épocas de necessidade de mão de obra no lote e em comer muitas acerolas no quintal da minha vó.

Quando me tornei uma jovem prestes a ingressar na universidade, divaguei por um bom tempo em busca de um curso algo que se encaixasse com minha realidade. E pensei, por que não Agronomia? Um curso que combinava com meu perfil e com meu objetivo de contribuir para a localidade da qual eu estava inserida desde a infância, a princípio almejava trabalhar na extensão rural e levar o que aprendi na academia para de onde vim. Dentro do curso de agronomia, minha aproximação com os espaços de discussão sobre a agricultura familiar, agroecologia e movimentos sociais foi natural, e a partir daí conheci o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS, a partir principalmente das leituras e análises sobre o contexto da agricultura familiar no Brasil dentro dos espaços acadêmicos como congressos, seminários etc. O Sonho de me tornar uma pesquisadora, de ingressar no mestrado, naquele momento ainda era distante, mas já tinha ali uma semente dentro de mim. Ao passar dos anos, fui percebendo que meu perfil não era apenas voltado a extensão, mas também para a pesquisa.

E aqui estou, escrevendo minha dissertação. Óbvio que não foi um caminho fácil para chegar até aqui, mas os obstáculos foram transpassados. Com uma crise sanitária e um pandemia mundial de Covid-19, meus planos no mestrado não foram concluídos da forma que almejava. Aulas online, pouco contato com outras pessoas, a ausência do espaço físico e da imersão que a universidade nos proporciona fizeram falta. Mas essas ausências também me fizeram aguçar meu olhar para as possibilidades de estudos próximos a mim e com viabilidade de execução - dada a inviabilidade do projeto que eu havia submetido ao programa inicialmente devido a pandemia.

As idas ao mercado, nas quitandas ou ao passar na rodovia em direção ao município de Maragogi, muito me ressaltava aos olhos a presença de uma cooperativa. A COOPEAGRO estava ali presente, seja em seus produtos ou até mesmo com sua sede as margens da rodovia. O trabalho da disciplina Conhecimentos, inovações e transições sociotécnicas, me fez adentrar neste contexto da pesquisa e me possibilitaram me aproximar desses atores.

Portanto, as inquietações que me fizeram adentrar neste contexto foram parte da minha imersão na disciplina Conhecimentos, inovações e transições sociotécnicas, que se transformaram no meu projeto de pesquisa e posteriormente neste trabalho, que está dividido em seis capítulos, a contar com esta primeira de caráter introdutório. O segundo capítulo versa sobre as perspectivas teóricas de produção de novidades e a POA, que são os pilares teóricos deste estudo. O terceiro, traz um recuo histórico para compreender os principais eventos ocorridos no âmbito de desenvolvimento rural em Alagoas, visando trazer elementos que possam auxiliar na compreensão do cenário rural alagoano, ao qual está inserido o contexto de Maragogi. O quarto capítulo, se propõe a realizar um resgate histórico da trajetória da COOPEAGRO, dos atores e das inter-relações com instituições para o fortalecimento da agricultura familiar nos assentamentos de Maragogi. O quinto capítulo, trará a análise da produção de novidades através da cooperação a partir do contexto da COOPEAGRO. E o sexto, versará as considerações finais desta pesquisa.

Portanto, esse trabalho se assemelha com os processos de geração de novidades na agricultura, onde a partir das possibilidades, ferramentas e recursos disponíveis naquele momento, são possíveis a construção de novas trajetórias, novas ferramentas e novas perspectivas para solucionar os problemas do dia a dia.

## **2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA ANALISAR PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO RURAL: A PERSPECTIVA ORIENTADA AO ATOR E A PRODUÇÃO DE NOVIDADES**

“[...] nem todos andam na linha.”  
(MARQUES, 2009)

Neste capítulo são expostas as perspectivas teóricas que balizam a construção deste trabalho. Até recentemente as análises do desenvolvimento rural tinham suas lentes orientadas por ideias positivistas e evolucionistas. As teorias estruturalistas, como a teoria da modernização (1950) por exemplo, impactaram grandemente a condução das ações que visavam o desenvolvimento rural.

Segundo Ploeg (1992), a modernização da agricultura foi marcada pela externalização, criando novas relações mercantis, técnicas e administrativas, designadas por agentes externos. Escobar (2005) salienta que essas teorias que analisam o desenvolvimento a partir de paradigmas liberais, focam no mercado, nos indivíduos e no estado, entendem o desenvolvimento como sinônimos de progresso e crescimento e buscam sempre trazer projetos externos que intervêm nas culturas locais. Essa intervenção, para Long (2007) é a grande responsável pela perda de autonomia das comunidades locais, bem como fazem com que haja uma ruptura nas capacidades de cooperação e solidariedade. O resultado desse processo é o aumento da diferenciação social e econômica, além da concentração de poder para determinados grupos de empresas, de políticos ou de instituições.

No Brasil, são crescentes os trabalhos acadêmicos que objetivam realizar análises sobre o desenvolvimento rural. Com grande destaque para o Programa Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pioneiro em trazer elementos para se pensar no rural a partir de múltiplas óticas. Alguns dos autores e autoras brasileiras que discutiram a temática desse estudo, sobre produção de novidades são Marques (2009), Gazolla (2012), Bulhões (2012) e Oliveira (2014), esses autores e autoras trataram de analisar diferentes contextos de produção de novidades na região Sul do Brasil. No Nordeste Brasileiro ainda são poucos os trabalhos que tratam sobre a agricultura familiar pela perspectiva da abordagem de produção de novidades, podendo ser citados o trabalho de Nunes et al., (2018), que trata das novidades na agricultura familiar no Sertão do Apodi no Rio

Grande do Norte e o trabalho Amorim *et al.*, (2016), que trata das novidades produtivas da produção agroecológica de agricultores do Alto Sertão sergipano.

Neste trabalho parte-se da premissa de que os modelos estruturalistas de análises são insuficientes para compreender os motivos da heterogeneidade social, pois compreendem os processos de desenvolvimento como resultante de forças externas aos atores sociais locais e acabam por invisibilizar as iniciativas inovativas de comunidades tradicionais, agricultores familiares etc. Por isto, este trabalho se sustenta em duas perspectivas teórico-metodológicas: a Abordagem da Produção de Novidades (*Novelty production Approach*), e a Perspectiva Orientada ao Ator, ambas têm como objetivo focar na agência dos atores em influenciar e tencionar mudanças em processos de desenvolvimento.

Este capítulo está organizado em três seções, a primeira traz alguns autores que compõe o quadro de pensadores sobre inovação na esfera teórica no Brasil, primeiramente os que influenciaram a indução de inovação na agricultura pela perspectiva da modernização, e em seguida destaca emergência de novas perspectivas de análises para compreender as inovações na agricultura. E as seções seguintes desse capítulo apresentam as duas perspectivas teórico-metodológicas que sustentam esse trabalho, a segunda seção traz a Perspectiva Orientada ao Ator e a terceira seção trata da abordagem da Produção de Novidades (*Novelty production Approach*).

## 2.1 DESENVOLVIMENTO E O DEBATE SOBRE INOVAÇÕES

Nesta seção, pretende-se realizar uma breve apresentação das ideias que balizaram a discussão sobre o desenvolvimento e inovações na agricultura no Brasil e no mundo. Primeiro serão apresentadas as ideias que influenciaram a difusão de inovações na agricultura sob a perspectiva do paradigma da modernização. E logo após, as ideias críticas de diferentes teóricos sobre o processo de indução conservadora de inovações e que estão influenciando a emergência de um novo paradigma de desenvolvimento rural.

A partir de um olhar das Ciências Econômicas, o Nobel de Economia de 1979, Theodore Schultz, foi um dos principais responsáveis por influenciar o que hoje conhecemos por Revolução Verde. Dentro de uma perspectiva macro institucional, esse processo de difusão tecnológica tinha como objetivo romper com o

*tradicionalismo* na agricultura. Para isto, o livro *A transformação da agricultura Tradicional*, de Schultz (1964), segundo Romeiro (1988) foi a publicação com maior impacto dentro da literatura não marxista sobre a agricultura. Neste livro, Schultz defendia ser necessário para os países mais pobres abandonar sua dependência da agricultura tradicional, considerada por ele estagnada tecnologicamente e sem caráter inovador. Para romper com esse padrão tradicional da agricultura, o autor defendia a introdução de máquinas e insumos, ou seja, modificar os fatores de produção, além de trazer novas formas de aprendizagem humana e estruturas institucionais para realizar esse trabalho de indução de novas práticas.

Outro trabalho com grande expressividade dentro das ideias da economia neoclássica foi o de Hayami e Ruttan (1997) sob o título de *Agricultural development: an international perspective*. Nesse livro, as inovações tecnológicas servem como substitutas dos recursos caros e escassos em recursos com maior abundância e com menores custos. Ou seja, com base na teoria neoclássica os agentes econômicos são dotados de racionalidade, e, portanto, são eles os responsáveis pela maximização dos resultados. Essas ideias foram utilizadas como alicerce para muitos pesquisadores brasileiros e influenciou a construção de políticas públicas.

Outra perspectiva sobre inovações, foi alicerçada pelo Everett Rogers, autor norte-americano, com o livro *Diffusion of Innovations* (ROGERS, 2003). Esse autor trás sob o enfoque da comunicação social, com uma orientação funcionalista, Rogers trata a inovação como ideias, objetos ou práticas que são vistas como novas pelos indivíduos que a adotam, além de afirmar que a difusão do processo de inovação é realizada por alguns canais de comunicação por um determinado tempo no interior de um sistema social (ROGERS, 2003). Ou seja, o autor defende que as inovações não seriam necessariamente alguma coisa que não existia outrora, mas sim algo inédito para os indivíduos e/ou unidades de produção que adotam esses recursos inéditos. O nível de adoção, segundo o autor, vai depender de múltiplos fatores como, compatibilidade, da complexidade e do grau de benefícios e do poder de percepção dessas inovações pelos indivíduos que a adotam.

No Brasil, essas ideias funcionalistas sobre a inovação tiveram bastante espaço e conseguiram influenciar no projeto inovador de desenvolvimento introduzido pelos militares em 1964, onde o caráter intervencionista dos programas de assistência

técnica e extensão rural era considerada a maneira mais viável de reverter a situação de atraso no rural brasileiro.<sup>1</sup>

Como contraponto, as ideias de inspiração marxista, através de um viés 'mais crítico sobre do processo de modernização, o desenvolvimento agrário no Brasil foi analisado e criticado por uma miríade de autores. Sob uma ótica estruturalista, autores como Graziano da Silva (1990), trataram a inovação na agricultura como instrumentos capazes de causar uma diminuição nos impactos nas barreiras ao modo capitalista de produção na agricultura, que seriam, a maior duração do processo de produção condicionado as variáveis biológicas (solo, clima etc.) e a diferenciação do tempo de trabalho e o tempo de produção. Sendo assim, o autor defende que, através de inovações biológicas, agronômicas, físico-químicas e mecânicas, o capitalismo obtêm êxito em sua penetração no campo. Podemos citar também, autores como David Goodman, Bernardo Sorj, John Wilkinson (2008), que com o livro "Das Lavouras às biotecnologias: agricultura e indústria no cenário internacional".

Como observado, as óticas sobre inovação dos autores aqui citados, trazem enfoques diferentes, enquanto os que defendem a modernização a inovação é vista como uma maneira de transpassar os atrasos provenientes de uma agricultura tradicional e arcaica, os que tem visões com base no marxismo defendem que as inovações tecnológicas seriam ferramentas capazes de introduzir a lógica do capitalismo na produção da agricultura. Porém, apesar das diferenças ambas apontam para as questões macroeconômicas e na evolução dos determinantes macroestruturais.

Os estudos críticos ao processo de modernização permitiram trazer a lume as desigualdades que foram aprofundadas com esse processo, pode-se citar as desigualdades de acesso à terra e a políticas públicas, dada a priorização das elites agrárias, a exploração trabalhista, a pobreza, a degradação da biodiversidade, a contaminação dos solos e água, o êxodo rural e o inflamento da população urbana, ocasionando no aumento de periferias etc.

No entanto, os estudos de inspiração marxista quando analisam o progresso técnico tendem a apontar que a modernização da agricultura é comparável

---

<sup>1</sup> Alguns instrumentos de políticas públicas que emergiram nesse momento de indução de inovações da modernização conservadora da agricultura: Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), Fundo Nacional para Agroindústrias (FUNAGRI), Empresa de Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER) (DELGADO, 2009).

com o que ocorre com o setor industrial, com o abandono das técnicas artesanais de produção e uma mudança nas relações do trabalho, o que ocasionaria na tendência da permanência da grande propriedade mecanizada e do trabalho assalariado (ROMEIRO, 1991). Nestas perspectivas, é importante destacar de acordo com Romeiro (1991), a centralidade do “capital”. Vista como uma instância superior, que é responsável por decidir quais os passos a seguir, mediante os interesses globais dentro capitalismo.

Nos países de capitalismo avançado, principalmente na Europa, permanência das unidades de produção familiares fez com que um processo de geração de novas análises surgisse, com novas interpretações sobre o olhar das vertentes marxistas nos estudos agrários, como os autores Zander Navarro (2001), José Graziano da Silva (1990), que trouxeram grande contribuição para se olhar para o rural, com suas análises poderão ser evidenciadas as consequências da perversidade da modernização na agricultura. Apesar de evidenciar a exploração do trabalho, o êxodo rural, a perda da biodiversidade, etc., o foco dessas análises continuava a ser o “Capital” como uma “instância superior do capitalismo...que toma as decisões que melhor servem aos interesses globais de longo prazo do capitalismo” (ROMEIRO, 1991, p.382) Aqui neste trabalho, pretende-se a partir do seu referencial analítico, trazer centralidade para a agência humana, que é capaz de reposicionar o papel dos atores sociais no caminho do processo de inovação na agricultura. O quadro analítico aqui utilizado, será a Perspectiva Orientada ao Ator (POA) e a noção de Produção de Novidades.

## 2.2 A PERSPECTIVA ORIENTADA AO ATOR (POA)

A Perspectiva Orientada ao Ator (POA) foi uma perspectiva teórica proposta por Norman Long com objetivo de ser um instrumento analítico para compreender processos sociais e de desenvolvimento rural, se colocando assim, como uma alternativa aos limites das perspectivas de análise estruturalistas, com visões deterministas e lineares que destacava as mudanças sociais como fatores externos. A POA é uma perspectiva construtivista que está centrada no “fazer e refazer a da sociedade através da progressiva autotransformação das ações e percepções de um mundo de atores diversos e interconectados” (LONG, 2001, p.2).

Assim como outros estudos pós-estruturalistas, a POA se preocupa com a representação, os discursos, as práticas, o poder e o conhecimento dos atores, apontando através da observação, as ferramentas que fazem os atores resistirem, adaptar-se e subverterem o sistema dominante (ESCOBAR, 2005). De acordo com Long (2007), a POA tem como objetivo compreender como os atores e as redes de atores criam métodos e ferramentas pelos quais se comprometem a construir de forma conjunta seus mundos sociais particulares, interpessoais e coletivos.

As análises voltadas aos atores sociais tiveram grande destaque na Antropologia e Sociologia nos anos 1970, se destacando das demais abordagens de análise por se comprometer em entender as diferentes respostas de atores diante de situações semelhantes (LONG, 2007). Porém, Long e Ploeg (2011) nos alertam sobre as abordagens orientada aos atores dos anos 60 e 70, onde “muitos desses estudos foram insuficientes devido à sua tendência em adotar uma visão voluntarista dos processos de tomada de decisão e das estratégias transacionais” (LONG; PLOEG, 2011, p.4), dando pouca relevância a influência das macroestruturas na geração das escolhas individuais. Ou ainda, esses trabalhos tendiam a uma exagerada ênfase no “individualismo metodológico que procurava explicar o comportamento social primeiramente em termos de motivações, intenções e interesses individuais” (LONG:PLOEG, 2011, p.4).

A POA é resultante de uma agenda de pesquisa que se esforça em integrar a perspectiva de uma análise orientada aos atores em conjunto com uma apreciação da concepção estrutural. Por isto, há uma centralidade no conceito da agência humana e uma revisão da teoria de estruturação do sociólogo britânico Antony Giddens. Para Giddens, as ciências sociais não devem se basear apenas nas experiências do ator individualmente, tampouco estabelecer a existência de uma totalidade social, “mas as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo” (GIDDENS, 2009, p.2), pois segundo o autor as práticas sociais não são criadas pelos atores, mais sim, “continuamente recriadas por eles através dos próprios meios pelos quais eles se expressam como atores” (GIDDENS, 2009, p.3).

Sustentada pela concepção teórica de agência a construção social dos atores parte do pressuposto de que os atores possuem conhecimento e capacidade, elementos centrais para exercerem um papel de decisão. Os atores não são vistos como passivos as intervenções, mas participantes ativos, com capacidade de criar estratégias a partir de suas interações sociais e institucionais (LONG, 2007). Desse

modo, é possível entender os processos de construção de projetos sociais e de como os atores participantes agem de diferentes formas nessa construção. O conceito de agência humana tem um importante destaque dentro dessa abordagem, onde a agência é entendida como:

[...] a capacidade de processar a experiência social e desenhar maneiras de lutar com a vida, ainda sob as formas mais extremas de coerção. Dentro dos limites de informação, incertezas e outras restrições [...] os atores sociais têm “capacidade de saber” e “capacidade de atuar. (LONG, 2007, p.26).

Giddens (2003), destaca que agência diz respeito a capacidade das pessoas de realizar coisas, do fazer propriamente dito. Ou seja, a agência para o autor está ligada ao poder, pois as pessoas têm capacidade para interferir e modificar cursos de eventos. A agência está ligada tanto a capacidade individual das pessoas, quanto da capacidade de agir de forma coletiva. Deste modo, Long e Ploeg (2011) alertam que as relações sociais e suas interações permanentes tornam a agência mais eficaz nos processos de alteração do estado de coisas vigentes.

Como aponta Long (2007), a agência depende do surgimento de uma rede de atores, pois através das inter-relações com mundos e projetos outros, criam possibilidades para a absorção, mediação, (re)construção de suas percepções, ideias, ações e seus próprios projetos. Assim, é possível compreender que é necessário considerar a atuação dos atores sociais envolvidos nas experiências em desenvolvimento rural, visto que eles trazem para o debate suas vivências, seus conhecimentos e práticas cotidianas, sendo capazes a partir dessa inserção de moldar diferentes discursos.

No entanto, como destaca Long (2001) as mudanças sociais devem ser analisadas sobre diferentes níveis, pois a ação social e a interpretação estão contextualizadas em determinados domínios e arenas. Portanto, é necessário conceber que a ação social está imersa na interação de fenômenos em microescala e fenômenos em macroescala, ao qual estão interconectados. Assim, o autor salienta que as inter-relações entre os domínios devem ser elucidadas através das interfaces sociais, onde os diferentes interesses, conhecimentos e o poder são mediados, transformados ou perpetuados, onde podem ter pontos de ligação ou de conflito.

Para este estudo a Perspectiva Orientada ao Ator se mostra como uma ferramenta imprescindível para identificar e caracterizar as estratégias e práticas dos

atores, bem como o contexto em que elas surgem, além de identificar a organização e a sua capacidade para solucionar os problemas enfrentados pelos atores envolvidos. Por isso, sua utilização neste estudo se faz necessária pois vê os atores sociais como agentes ativos nos processos de desenvolvimento rural, e, portanto, capazes de falar por si mesmos.

### 2.3 A ABORDAGEM DA PRODUÇÃO DE NOVIDADES (*NOVELTY PRODUCTION APPROCH*)

A Produção de Novidades na agricultura é um termo chave que foi proposto diante da necessidade de evidenciar fenômenos de inovação em andamento nos espaços rurais (MEDEIROS *et al.*, 2020). Essa abordagem permite aos estudos evidenciar as quebras nas rotinas existentes que objetivam, através de novas práticas ou modos outros de fazer, promover melhorias nessas rotinas (PLOEG *et al.*, 2004).

Ao longo do tempo, a capacidade de produzir novidades tem sido uma estratégia importante para (r)existência de camponeses, comunidades tradicionais e agricultores familiares em vários contextos ao redor do mundo. Portanto, analisar a trajetória dessas novidades é de relevância para compreender novos rumos para o desenvolvimento rural.

Com a proposta de evidenciar fenômenos, que estavam escondidos nas práticas cotidianas do dia a dia, o termo chave Produção de Novidade (*Novelty Production*) deriva da tradição de estudos de tecnologia voltados à compreensão das mudanças tecnológicas (SWAGEMAKERS, 2003; PLOEG *et al.*, 2004). Segundo Ploeg *et al.*, (2004), as novidades são desvios a regra, que sendo deliberadas ou não, têm capacidade de causar rupturas nos regimes vigentes. As novidades estão intrinsecamente ligadas a capacidade dos agricultores de solucionarem problemáticas enfrentadas no dia a dia, sendo um processo localizado, dependente dos ecossistemas locais e repertórios culturais locais, e por isso, estão fortemente ligadas ao conhecimento tácito. Oostindie e Broekhuizen (2008), ressaltam a diferença entre inovações e novidades, enquanto a primeira pode ser codificada em um artefato e transportada para outros locais, a segunda está enraizada ao local de sua origem e dificilmente pode ser transportada para outras realidades.

As novidades se configuram em três processos: a contextualização, a internalização e a territorialização. A contextualização diz respeito a utilização do

conhecimento contextual pelos agricultores, que é o conhecimento resultante do contexto socioeconômico, cultural e institucional, na maioria das vezes esse conhecimento é resultado do encontro entre os horizontes dos agricultores (conhecimento tácito) com o horizonte de outros atores sociais, como pesquisadores, extensionistas, agências estaduais etc. (conhecimento codificado ou científico) (STUIVER, 2009).

O processo de internalização é caracterizado pela chamada endogeneidade das práticas, que diz respeito aos tipos de recursos mobilizados para a produção de novidades, que em sua maioria são recursos internos do local, território ou unidade de produção (OOSTINDIE; BROEKHUIZEN, 2008). A internalização possibilita que as novidades sejam mais rentáveis e sustentáveis, pois ao fazer rearranjos e melhoramentos nos recursos disponíveis acabam por proporcionar a diminuição dos custos de produção baixar os custos de produção e de transação da agricultura (MILONE, 2009; VENTURA E MILONE, 2004).

A territorialização, parte da ideia de que a geração das novidades é um processo imerso, ou seja, em um determinado espaço e a partir das relações sociais contidas nele. Assim, a produção de novidades estará condicionada ao território, e por isso, dependerá do tempo, dos ecossistemas e dos repertórios culturais locais (MEDEIROS, MARQUES, 2011).

Os agricultores produzem novidades a partir de um ciclo de observação, avaliação e modificação de práticas e técnicas, que se repetem constantemente ao longo do tempo, e assim enfrentam os fatores que limitam suas formas de fazer agricultura (MARQUES, 2011). Como Ploeg *et al.*, (2004) defendem, a produção de novidades são sementes para a transição, e essas sementes são capazes de gerar uma transformação mútua entre o social e o natural. Dessa forma as novidades podem gerar novos dispositivos organizacionais, novos arranjos institucionais ou se materializar em novos artefatos (OOSTINDIE; BROEKHUIZEN, 2008).

Milone (2009), aponta para a característica de que a novidade, de forma recorrente, se mostra como rompida com o regime dominante. Essa ruptura se coloca como uma possibilidade de reconexão das unidades de produção com seus territórios, onde o uso de recursos antes escondidos ou pouco utilizados são relocados para o processo de produção. Ao reconectar-se com o território os agricultores resgatam sua autonomia e seu poder de agência, fazendo com que as novidades se mostrem mais

promissoras para suprir as necessidades de recondução das questões sociais, econômicas e ambientais.

Sendo assim, entendendo que a produção de novidades pode ser um processo de grande relevância para transição do desenvolvimento rural, e que esses processos muitas vezes se encontram invisibilizados. Que este trabalho pretende analisar o caso da COOPEAGRO e a emergência de novidades através da cooperação.

### **3 O DESENVOLVIMENTO RURAL ALAGOANO: UM RECUO HISTÓRICO PARA COMPREENDER AS NUANCES DA QUESTÃO AGRÁRIA DE ALAGOAS**

[...] não parece acreditável que possa existir uma história das Alagoas sem a do açúcar” (DIEGUES JÚNIOR, 1949).

O antropólogo Manuel Diegues Júnior em seu livro “O banguê das Alagoas”, remonta a partir de registros históricos os elementos que constituíram a história de Alagoas e sua caminhada conjunta com história do açúcar. Desde a época colonial, a questão agrária alagoana foi marcada com a monocultura da cana-de-açúcar. Portanto, ao recuarmos no tempo e analisarmos a trajetória do desenvolvimento rural alagoano, de certo que estará imprimido nela as consequências resultantes das dinâmicas que envolvem a cana, bem como o latifúndio, a exploração da natureza e das pessoas, e a concentração de recursos nas mãos de grupos restritos.

Para remontar essa linha histórica que permitirá a este estudo a contextualização do rural alagoano — que reflete nas dinâmicas sociais, econômicas, ambientais e culturais do contexto específico do desenvolvimento rural em Maragogi-AL, local da pesquisa – esse capítulo irá trazer alguns elementos históricos que conformam a questão agrária de Alagoas. Dada a localização geográfica do município de Maragogi, as dinâmicas ocorridas na região de Porto Calvo (município circunvizinho e primeiro foco de povoamento dos colonizadores no estado) são também compartilhadas, o que denota a importância dos acontecimentos históricos desde a época da colonização na região ao qual o município de Maragogi está inserido. Desse modo, este capítulo será dividido em três seções aos quais representam os períodos transcorridos e as dinâmicas estabelecidas em cada um deles para o desenvolvimento rural de Alagoas. O objetivo será realizar uma breve síntese dos principais eventos que nos levam até a nossa atualidade. O primeiro momento diz respeito ao período colonial, o segundo ao período de modernização do setor sucroalcooleiro e o terceiro o período mais recente que diz respeito as crises no setor sucroenergético e a abertura de espaços para luta pela reforma agrária.

### 3.1 PERÍODO COLONIAL: OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO, INTRODUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR E DINÂMICAS SOCIOPRODUTIVAS

Os elementos geográficos foram importantes para a expansão dos núcleos de povoamento e o desenvolvimento das atividades produtivas da agricultura no estado de Alagoas. O principal elemento que contribuiu para tal expansão foi o hidrográfico, os rios e lagoas. “A colonização acompanha os cursos d’água” (DIEGUES JÚNIOR, 2006, p.46), e margeando os corpos d’água foram distribuídas as sesmarias e fixados os engenhos. No entanto, antes do período de invasão do território alagoano pelos povos europeus, as terras alagoanas eram povoadas por nativos. Ao norte de Alagoas viviam os Potiguaras, ao sul os Tupinambas e na costa leste viviam os Tupis, as etnias que faziam parte destes povos viviam uma relação de conflito. Os Caetés localizados no litoral, os Pitiguarés em Porto Calvo, Abacatiães das ilhas do rio São Francisco, e os Aconãs, Coriris, Caropotós e Cariris, que viviam nas proximidades do Rio São Francisco (ESPÍNDOLA, 2001, p. 191)

O povoamento do território alagoano pelos colonizadores se deu em três focos iniciais: o primeiro ao Norte tendo Porto Calvo como núcleo; o segundo localizado ao centro em torno das lagoas, com o nome de Alagoas ou Alagoa do Sul e Alagoa do Norte; o terceiro ao Sul com Penedo como centro de expansão. Exceto o centro de expansão de povoamento de Penedo, os dois primeiros tiveram nas dinâmicas dos engenhos produtores de cana-de-açúcar os seus fundamentos econômicos (DIEGUES JÚNIOR, 2006, p.43).

O engenho tinha sua paisagem composta por solos férteis onde se fixava o cultivo da cana-de-açúcar, nos vales e várzeas, o rio como propiciador da umidade do solo para o cultivo e também grande colaborador para o transporte do açúcar em barcaças e canoas, somados aos carros de bois que transportavam a cana para as moendas, as matas como combustível para as fornalhas, e o mais importante para o progresso do banguê, o escravizado (DIEGUES JUNIOR, 2006). Os instrumentos usados nas plantações eram basicamente a “enxada para plantar, a foice e o machado para limpar, moendas movidas por animais e caldeiras a fogo nu” (SANTANA, 1970, p. 305).

Mesmo diante de um cenário onde a terra era restritamente destinada aos colonizadores a quem recebiam através da coroa a anuência de administrar a sesmarias a eles distribuídas, muitos movimentos de ocupação de terras através de

outros atores, tais como camponeses livres e pobres, escravizados fugitivos e indígenas. Segundo Andrade (2008), a fim de se refugiar da fome, morte e principalmente da escravidão as matas ofereciam toda a diversidade de animais para caça e frutos para coleta, somados a grande diversidade alimentar da floresta, os solos ricos e férteis propiciavam ambientes propícios para o manejo de áreas de roçado, com milho, feijão, macaxeira, banana e coco, além da criação de animais. A exemplo desses grupos que ocupavam “irregularmente” as “terras da coroa”, os quilombos têm grande destaque pois influíam nas dinâmicas de toda a região alagoana, em muitos relatos históricos são denunciadas invasões, saques e sequestro de escravos dos engenhos (DIEGUES JUNIOR, 2006).

Uma série de fatores e eventos marcantes propiciaram a queda dos engenhos, desde o deslocamento econômico para o eixo Sul, até problemas internos como infraestrutura de estradas, somados a queda dos preços do produto no mercado externo, que somadas aos eventos anteriores, como o fim do tráfego negreiro (1850) e a forte epidemia de cólera (1857) - que dizimou muitos escravos e também senhores de engenho — irregularidades climáticas, e por fim o surgimento das usinas que ganhava centralidade nas políticas de concessão de crédito por parte do estado. O engenho tinha entrado em seu período de crises, como aponta Diegues Junior (2006) “...crises de trabalho, crise de preço; também crise de capitais, crise de fretes, crises, enfim, de tudo.” (p.147). Apesar das fortes tentativas e articulação dos senhores de engenho, com a chegada da usina, o engenho cai em sua última crise, sem forças para acompanhar os avanços e aperfeiçoamentos proporcionados pela indústria do açúcar, é obrigado a fechar ou a incorporar sua produção ao novo sistema.

Com a queda dos engenhos, a ascensão das usinas surgiu um novo período, marcado pela modernização do setor sucroalcooleiro, com reformulação das técnicas de produção e novas dinâmicas sociais, ao qual veremos na próxima seção deste capítulo.

### 3.2 PERÍODO DE MODERNIZAÇÃO DO SETOR SUCROALCOOLEIRO: AGROINDÚSTRIALIZAÇÃO, REFORMULAÇÃO DE TÉCNICAS PRODUTIVAS E NOVAS DAS DINÂMICAS SOCIAIS

A primeira usina a ser instalada em solo alagoano, foi a Usina Brasileiro em 1892, construída no município de Atalaia. Não tarda muito para que a fase industrial da economia sucroalcooleira decole e dezenas de usinas se espalhem pela Zona da Mata. Em 1910 havia 9 usinas, subindo esse número para 15 em 1920 e em 1930 esse número se consolida com 25 usinas, localizadas em sua maioria na zona da mata, mas também se estendendo para outras regiões do estado (IAA, Anuário Açucareiro, vários anos).

Uma das usinas com mais destaque nesse cenário de modernização dos processos de produção do açúcar no território alagoano, a Usina Brasileiro foi responsável por introduzir novos métodos de manejo agrícola com a incorporação de adubação química e orgânica no cultivo da cana-de-açúcar e novas variedades provenientes de outras regiões. A Usina Brasileiro ainda foi a precursora da implementação de novos incrementos para o processo industrial com moendas com capacidade de esmagamento 250 toneladas diárias de cana-de-açúcar, passando para 800 toneladas no auge de sua capacidade produtiva, na safra de 1923/24 era uma das poucas usinas que possuíam evaporadores a vácuo de quádruplo efeito (SANTANA, 1970, p.340).

O processo de expansão das usinas alagoanas foi marcado por diversos conflitos, como as demarcações dos limites das propriedades e a competição por mão de obra entre usineiros e senhores de engenho. De acordo com Ramos (1999), a expansão das usinas se deu principalmente por expropriação, onde os usineiros e donos de engenho concorriam pela concentração/centralização industrial e agrícola, com maiores vantagens as usinas acabavam por expropriar a terra dos engenhos que as rodeavam. Cabe destacar ainda o surgimento de novas dinâmicas sociais reformuladas pela chegada das usinas como aponta LIMA (2001, p. 34):

[...] o próprio aparecimento das usinas, introduziram novos padrões de relacionamentos entre trabalhadores e proprietários, assim como uma nova hierarquia administrativa, representada pelo surgimento de novos agentes, como gerente da usina, o administrador de campo, dentre outros, revelando novas dinâmicas sociais [...]

Na década de 1950, a expansão da atividade canavieira era expressiva em todo território nacional, especialmente para Alagoas, que a partir desse momento passa a incorporar novas áreas antes tidas como inapropriadas para o cultivo da cana, segundo Andrade Neto (1984, p. 64), “[...] foi vital para o desenvolvimento do setor açucareiro [...], pois trouxe, sobretudo para a cultura canavieira, uma nova fase de incorporação ao processo produtivo a incorporação dos tabuleiros costeiros”. Essas áreas dos tabuleiros costeiros tinham como principal característica a pobreza natural de matéria orgânica dos solos, condicionando a introdução de adubação química e uso de variedades mais rústicas de cana. Sendo áreas de florestas de grande porte, a Mata Atlântica, observou-se nesse período o crescimento da erosão da biodiversidade natural da região.

No entanto, setor sucroalcooleiro alagoano teve sua maior expansão nos anos 1970 e 1980 com a atuação do governo federal por meio Instituto Açúcar e Alcool (IAA) com os programas PLANALSUCAR com o objetivo de articular pesquisas para a criação de variedades geneticamente modificadas para a adequação das necessidades do setor, e o PROÁLCOOL visando a criação do mercado para a elevação da produção, bem como a expansão e modernização da agroindústria canavieira. Além do crescimento, esses programas trouxeram grandes impactos socioambientais e econômicos, segundo Andrade Neto (1984), a expansão do monocultivo de cana-de-açúcar ocasionou a eliminação da pecuária da região, piora nas relações de trabalho e queda nas condições de vida dos trabalhadores. Santos, Pereira e Andrade (2007) acrescentam que, impulsionadas pelo patrocínio do governo federal, o novo modelo de ocupação espacial imposto, resultou na intensificação antrópica e pressão sobre os recursos naturais. O PROÁLCOOL possibilitou o agravamento da devastação da cobertura vegetal nativa e a intensificação do processo de concentração fundiária (LIMA, 1998).

A década de 1990 foi um momento decisivo para o setor canavieiro, pois com a desregulamentação do setor, que teve início com o enfraquecimento da capacidade de ação do governo federal, no que se refere ao setor, com o Artigo nº 174 da Constituição Federal de 1988 que passou a definir o Estado como “agente normativo e regulador da atividade econômica [...] com funções de fiscalização, incentivo e planejamento”, abrindo espaço para o enfraquecimento e extinção do IAA. No governo Collor em 15 de março de 1990 a extinção do IAA é colocada em prática. Lima (2001) destaca:

Os efeitos desse processo atingiram o complexo canavieiro nas mais variadas esferas, isto é, no sistema de fixação de preços de comercialização de produtos, no controle sobre a produção e nos Planos Safra, que eram de responsabilidade do governo e, também, das políticas públicas de sustentação ao álcool combustível e à cana (p. 83-84)

Além dos ajustes das políticas públicas para o setor, esse período também tem como determinante o deslocamento dos investidores nordestinos para outras regiões produtoras. Sendo assim, com as novas condições vigentes a partir de 1990 muitas usinas acabam por paralisar suas atividades, como consequência houve a concentração das atividades do setor para apenas 6 grandes grupos do setor canavieiro.

A falência das usinas, representou uma virada histórica para a possibilidade de redistribuição de terras no estado de Alagoas. A luta da reforma agrária representou essa nova guinada no contexto rural alagoano, na próxima seção será apresentado as modificações ocorridas neste novo período.

### 3.3 PERÍODO CONTEMPORÂNEO: REFLEXOS SOCIAIS, ECONÔMICOS E CULTURAIS HERDADOS PELO VERDE DA CANA E A LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA

Como vimos, a fixação e fluxo de povoamento do estado de Alagoas foi impulsionado pela monocultura da cana-de-açúcar, este fato trouxe grandes consequências para o território. A paisagem antes marcada pela Mata Atlântica foi exponencialmente dando lugar a imensidão verde da cana-de-açúcar, levando a profundos problemas ambientais como erosão dos solos, contaminação da água e assoreamento de rios, erosão genética com a extinção de espécies da fauna e da flora. Além da modificação da paisagem, as dinâmicas sociais foram marcadas pela desestruturação dos laços culturais, com aculturação e “submissão” dos indígenas e africanos escravizados, e logo depois dos trabalhadores rurais. Os costumes, o modo de ser e viver, foram profundamente marcados pelas dinâmicas impostas pela cana. O agravamento da concentração fundiária, a submissão dos trabalhadores rurais a dependência aos grandes proprietários de terra e ausência de vínculo trabalhista, com trabalhos sazonais e precários, contribuindo para a concentração e a desigualdade social (NASCIMENTO, 2010).

A partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000, com fechamento das usinas sucroalcooleiras decorrentes de crise no setor, abre-se espaços para a luta pela terra que desemboca em projetos de reforma agrária em todo território alagoano. Os movimentos sociais ligados a luta pela reforma agrária crescem principalmente pela exclusão e redução da utilização dos trabalhadores rurais ligados ao setor canavieiro, esses trabalhadores movidos pelo desejo de encontrar novas alternativas para suprimir a exclusão social a eles impostas, começam a atuar junto a esses movimentos (NASCIMENTO, 2010). Os fatores que contribuíram para a emergência de novos protagonistas na luta pela terra, segundo Mello (2002), foi a reestruturação do setor sucroalcooleiro, pois com a desregulamentação estatal, reajustes estruturais, as falências das usinas, ocasionou no desemprego, destruição de moradias e deterioração das condições de vida dos trabalhadores da zona rural.

Movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem-terra (MST), Comissão Pastoral da Terra (CPT) e Movimento de Luta pela Terra (MLT), foram os principais mobilizadores de ocupações de terras de fazendas improdutivas. A partir dessas ocupações muitas terras, antes ocupada pela cana, estão em processo de reestruturação social e produtiva com os assentamentos rurais. Atualmente o território alagoano conta com 178 assentamentos da reforma agrária, que ocupam mais cem mil hectares, distribuídos nas três mesorregiões do Estado (INCRA, 2017).

Essa modificação na estrutura fundiária, representa um grande avanço para o fortalecimento da agricultura familiar no estado. De acordo com a EMATER (2017), 115 mil estabelecimentos rurais são ocupados por agricultores familiares, onde os mesmos absorvem 72% da mão de obra rural. Apesar das grandes limitações impostas principalmente pelas áreas com baixa capacidade produtiva das terras, das deficiências estruturais (estradas, acesso a luz, saneamento) e da pouca assistência técnica e extensão rural acessada pelos agricultores rurais, essa categoria é responsável pela produção de alimentos, distribuição de renda no campo e protagonistas de iniciativas orientadas a produção com incorporação de práticas ambientais (EMATER, 2017).

#### **4 A COOPEAGRO SUA HISTÓRIA E A INTER-RELAÇÃO DE ATORES E INSTITUIÇÕES PARA A TRANSFORMAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR EM MARAGOGI-AL**

O encontro de dois mundos o meu... onde está presente o ar do espírito cooperativo desde minha infância...e o mundo desses neo-agricultores muito distantes da experiência da cooperação... que precisavam se organizar para enfrentar as enormes dificuldades (Irmã Mirian, entrevista a Economia-Ecologia, 2011, tradução nossa)

A trajetória para a consolidação da Cooperativa dos Pequenos Agricultores Organizados (COOPEAGRO) tem início em 1997 com os trabalhos das irmãs da Associação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus ligada à Igreja Católica, que desenvolviam atividades nos acampamentos rurais de luta pela reforma agrária em Maragogi-AL. A realidade desses acampamentos era precária, com altos índices de violência e muitas barreiras para a viabilidade da produção de alimentos e produtos para comercialização. O objetivo dos trabalhos das irmãs era o enfrentamento das críticas situação de marginalização vivida pelos moradores dessas localidades, visto que lhes eram negadas a cidadania e dignidade humana. Com a promoção de visitas regulares a esses acampamentos, as irmãs e os moradores construíram laços de confiança que trazem como fruto a formulação de projetos que despertaram o interesse de outros seguimentos da sociedade (OLIVEIRA; PACÍFICO, 2011).

Em 2001, foi iniciado o Projeto Pequenos Produtores Organizados (PEAGRO) financiado por organizações não-governamentais italianas. As ações do projeto visavam trazer condições para organização dos trabalhadores, antes sem-terra e posteriormente assentados da reforma agrária, melhores condições para uma produção agrícola diversificada e sustentável, promoção de assistência técnica e consolidar o espírito cooperativo. Como resultado positivo do projeto PEAGRO, em 7 de setembro de 2003, surgiu a COOPEAGRO, fruto da organização coletiva dos agricultores e da necessidade do fortalecimento de processos de processamento e comercialização da produção. Inicialmente a cooperativa contava com 70 sócios, distribuídos entre 7 assentamentos rurais dos 20 assentamentos de Maragogi (OLIVEIRA; PACÍFICO, 2011).

Atualmente a Cooperativa tem 135 cooperados, esses agricultores familiares assentados da reforma agrária constroem essa experiência junto da equipe de assistência técnica da COOPEAGRO e acreditam que cooperar é um caminho para o fortalecimento da agricultura familiar. As atividades desenvolvidas pela instituição se

dividem em cinco eixos principais, produção agrícola, a produção agropecuária, o processamento e comercialização, o artesanato e o turismo rural. A produção agrícola é baseada na diversificação, vão desde frutas como manga, maracujá, cajá, graviola, acerola, laranja, até as hortaliças como coentro, alface, rúcula. Bem como raízes e tubérculos como batata, inhame, macaxeira. Na agropecuária é incentivada a criação de pequenos animais como aves, e recentemente a criação de abelhas. Já o processamento se dá pelo beneficiamento através da agroindústria da cooperativa, que processa frutas em polpas congeladas e outros produtos para serem vendidos na região. Já a comercialização é direcionada para mercados próximos, venda direta no galpão da cooperativa, para estabelecimentos (pousadas, supermercados e mercearias) da região sul de Pernambuco e norte de Alagoas, além dos mercados institucionais. E o turismo rural no qual se vem desenhando novas possibilidades de passeios para os visitantes da cidade de Maragogi em meio a mata atlântica.

Nas próximas seções deste capítulo serão analisadas a gênese da experiência em cooperativismo dos assentados da reforma agrária no município de Maragogi. Para compreendermos as dinâmicas que precederam a emergência de novidades da agricultura familiar no município a partir da Cooperativa dos Pequenos Agricultores Organizados é necessário fazermos um recuo histórico para conhecermos os desdobramentos que levaram a consolidação da cooperativa. A primeira seção trará a reconstrução dos primeiros passos do Projeto PEAGRO para a criação de possibilidades para a viabilidade produtiva, já a segunda seção trará elementos da construção da Cooperativa e os desdobramentos dos 18 anos de experiência cooperativa da COOPEAGRO e seus sócios. Para isto deu-se ênfase aos relatos dos cooperados coletados a partir das entrevistas, notas de campo e registros da cooperativa acerca da sua história.

#### 4.1 PROJETO PEAGRO: A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE VIABILIDADE PRODUTIVA

O projeto Pequenos Agricultores Organizados (PEAGRO) foi o primeiro passo para a emergência dessa experiência baseada no associativismo em Maragogi. Para compreender a sequência de desdobramentos a partir do projeto, temos que desenhar o ambiente ao qual o mesmo estava inserido.

Com a desregulamentação do mercado sucroalcooleiro, e o posterior fechamento de usinas em meados dos anos 1990, Maragogi sofre com o aprofundamento da desigualdade e pobreza no meio rural assim como outras pequenas cidades ao entorno das usinas. Esse aumento da desigualdade social pode ser compreendido por dois fatores principais, primeiro a dependência econômica do município, que tinham nas dinâmicas produtivas do monocultivo da cana-de-açúcar o eixo principal de sua economia, onde grande contingente de sua população estava ocupado como trabalhadores rurais nas usinas (NASCIMENTO, 2010). E do outro lado, o esgotamento do sistema de moradia, onde os trabalhadores residiam em moradias dentro das terras pertencentes as usinas, e com o fechamento os moradores foram obrigados a saírem dessas casas (ALBUQUERQUE, 2009).

Nesse contexto, Maragogi se torna palco da propulsão de acampamentos, ocupações e conflitos no campo. A forte presença dos movimentos sociais de luta pela reforma agrária (principalmente o MST), ocasionou na redistribuição de terras e transformou as áreas ocupadas pela monocultura de cana-de-açúcar, destinada até aquele momento para Usina Central Barreiros, em assentamentos rurais (NASCIMENTO, 2010). A modificação da paisagem e emergência de novas dinâmicas sociais começam assim a emergir dos novos assentamentos rurais.

Inicialmente foram constituídos 17 assentamentos no município de Maragogi, sendo fixados ao menos 1350 famílias. É importante destacar o perfil desses recém-assentados, majoritariamente formado por trabalhadores rurais e moradores das antigas fazendas de cana-de-açúcar, que buscando alternativas para a exclusão e desigualdade passam a atuar junto aos movimentos de luta pela reforma agrária (NASCIMENTO, 2010, p.78). No entanto, as marcas imprimidas pela cana ainda se fizeram presentes, permeando tanto a paisagem, quanto as relações sociais, políticas e econômicas, herdadas primeiro pela invasão dos colonizadores ao território e a incorporação das dinâmicas da cultura da cana-de-açúcar.

Com aumento no índice da violência, altos índices de desnutrição infantil, dificuldades na adaptação dos recém assentados, como a dificuldade de manejo de novos cultivos, com solos bastante degradados pelo uso intensivo e pelas exaustivos processos de manutenção do cultivo de cana ao longo das décadas, pouca ou nenhuma infraestrutura como casas, estradas, acesso à energia elétrica, os assentados necessitavam de forma urgente encontrar alternativas para a permanência e reprodução de suas famílias nos lotes(OLIVEIRA; PACÍFICO, 2011).

Figura 4 - Condições dos recém-assentados da reforma agrária em Maragogi-AL, 1997



Fonte: ONG Semear a vida, 1997.

Esse período inicial de adaptação dos recém assentados, como apontam os entrevistados, foi o período mais crítico. Muito embora a conquista do pedaço de terra representa-se a liberdade antes cerceada pelas dinâmicas colonialistas dos engenhos e fazendas que cultivavam a cana, os antigos trabalhadores rurais desses grandes proprietários de terras estavam habituados nas lidas do cultivo da cana-de-açúcar. O que representou uma grande barreira para se pensar em outras maneiras de lidar com a terra, organizar seus lotes e implantar novas culturas.

Num contexto de incertezas e dificuldades o trabalho das Irmãs da Associação Filhas do Sagrado Coração de Jesus entra neste cenário. Desde 1997 as irmãs realizavam trabalhos nos, até então, acampamentos rurais dos movimentos agrários que reivindicavam as terras para a construção dos assentamentos. A princípio os trabalhos das irmãs consistiam em realizar *jornadas de evangelização da igreja católica*, através da caridade elas se aproximavam das crianças, mulheres e homens que estavam ali em condições de marginalização.

Em 2001, já com a consolidação dos assentamentos, a realidade do contexto rural de Maragogi enfrentava a duras penas a insuficiência produtiva dos lotes da reforma agrária. A falta de assistência técnica e o pouco conhecimento nos tratos culturais de outras espécies agrícolas impossibilitavam ainda mais a reprodução social das famílias ali fixadas. Neste mesmo ano, os assentados com suas frustrações e inquietações para ultrapassar as barreiras que os impediam de produzir, se aliam as Irmãs para a construção de um projeto para a viabilidade produtiva dos lotes. O Projeto PEAGRO, teve início do assentamento Água Fria e a princípio os atores envolvidos visualizaram o projeto para a produção de produtos orgânicos, ou seja, o primeiro nome que era vislumbrado “Projeto de Pequenos agricultores Orgânicos”.

No entanto, o projeto se enveredou por outros caminhos, dada a impossibilidade de se consolidar a produção orgânica no assentamento. Os empecilhos para a viabilidade da produção orgânica foram o alto uso de herbicidas e outros agrotóxicos usados por assentados que não faziam parte do projeto, e que tinham seus lotes fazendo limite aos assentados participantes do PEAGRO. Muitos desses assentados vizinho de lote, ainda estavam condicionados a produção de cana-de-açúcar.

Então, o projeto PEAGRO se transforma no Projeto de Pequenos Agricultores Organizados. O projeto tinha como objetivo:

[...] transformar os trabalhadores rurais em verdadeiros agricultores, criando condições fundamentais para a organização dos ruralistas, fornecendo assistência técnica especializada, capaz de melhorar o cultivo e a comercialização de vegetais (frutas, verduras e hortaliças) e pequenos animais, além da viabilização de outros projetos. (OLIVEIRA.; PACÍFICO, p.139).

Para a realização do projeto as Irmãs foram responsáveis por captar recursos advindos da província de Trento na Itália, das Cooperativas Trentino, dos Órgãos Públicos, do Centro Missionário Diocesano e de inúmeras pessoas solidárias, através da Associação Semear a Vida. Os recursos foram alocados no projeto afim de fortalecer as ações produtivas (com assistência técnica), fortalecer os níveis organizacionais (com vistas a metodologias que focavam no espírito associativo) e elevar os níveis de conhecimento dos agricultores familiares dos assentamentos (com cursos que almejavam passar novas informações sobre outras culturas e novas técnicas de manejo). Com uma equipe de dois técnicos agrícolas e um engenheiro

agrônomo, as ações de assistência técnica almejavam potencializar a produção dos agricultores respeitando as características edafoclimáticas da região, visando utilizar os recursos da natureza com respeito a biodiversidade e buscando alternativas de produção mais sustentáveis e diversificadas.

Figura 5- Registros de reunião com os assentamentos integrantes do projeto PEAGRO, 2001



Fonte: ONG Semear a vida, 2001.

Os trabalhos executados pelo projeto, visavam dar suporte aos agricultores para que eles fossem agentes ativos da gestão dos recursos advindos da Associação Semear a Vida, mas ao invés da distribuição dos recursos de forma individual, o projeto optou pela alocação dos recursos de forma coletiva e autogestionada.

Os objetivos do projeto PEAGRO foram alcançados primeiro no Assentamento Água Fria, e com o passar dos anos o projeto foi se estendendo para outros assentamentos de Maragogi, chegando no Assentamento Bom Jesus onde obteve grande êxito, tanto em adesão quanto em produção. Em 2001 e 2002, o projeto já estava presente em 14 assentamentos, com grande diversidade produtiva onde os agricultores cultivavam banana comprida, banana prata, maracujá, hortaliças, macaxeira, batata, abacaxi, etc. Em 2003, já com a produção consolidada os agricultores enfrentaram uma nova barreira, a do escoamento da produção.

[...] Aí, a gente começou a produzir, e começamos a se estender para outros assentamentos, chegou até o bom Jesus com força maior até hoje. A gente começou a produzir, produzir em grande quantidade e não tinha pra onde escoar, a gente como organização não tinha como escoar, não tinha como tirar algum recurso para fazer alguma coisa” Geraldo, primeiro presidente da COOPEAGRO.

Apesar das tentativas de inserção em mercados, nos supermercados, nas feiras livres e na CEASA, grandes volumes da produção era perdido. Como a pontado pelo entrevistado 3:

[...] o maracujá ficou largado, porque produziram demais e não tinha pra onde escoar. Levava caminhão carregado de maracujá, e ele voltava carregado. As vezes apodrecia.” Entrevistado 3.

Com vistas a superar o problema de escoamento produtivo os agricultores e agricultoras começam a sentir a necessidade de um outro nível de organização. Nasce assim, a ideia de se fundar uma cooperativa de produção e comercialização pelos assentados e assentadas da reforma agrária e irmãs da Associação Filhas do Sagrado Coração de Jesus.

#### 4.2 CRIAÇÃO DA COOPEAGRO: A EMERGÊNCIA DO COOPERATIVISMO COMO POSSIBILIDADE DE ABERTURA DE MERCADOS

Como visto na seção anterior, o projeto PEAGRO alçou seus objetivos, muito embora não tenha alcançado todos os assentamentos rurais de Maragogi, até mesmo pelo grande contingente de assentados o projeto não conseguiria com seus próprios esforços alcançar todos. No entanto, com a alta produtividade alcançada vieram as dificuldades de escoamento produtivo.

Em 2003, com o projeto já consolidado os agricultores participantes juntos com as irmãs da Associação Filhas do Sagrado Coração de Jesus decidem como alternativa para o enfrentamento da realidade de dificuldades principalmente de alcançar mercados por questões burocráticas e buscar novas possibilidades de escoamento produtivo, criar uma cooperativa de produção e comercialização de produtos da agricultura familiar. Nasce assim, a Cooperativa dos Pequenos Agricultores Organizados.

Em 7 de Setembro de 2003 o projeto PEAGRO se transforma na COOPEAGRO, a princípio com 54 sócios espalhados em 14 assentamentos rurais de

Maragogi. Os assentamentos com sócios a princípio foram, Água Fria, Bom Jesus, Espírito Santo, Samba, Javari, Junco, Mangibura, Itabaiana, Costa Dourada, Pau amarelo, Lemos, Massangana, Aquidabã e Melos. Na figura 6, mostra o registro fotográfico da primeira assembleia da fundação da COOPEAGRO em 2003.

Figura 6- Assembleia da COOPEAGRO, 2003



Fonte: ONG Semear a Vida, 2003.

As Irmãs da Associação Filhas do Sagrado Coração de Jesus, possuem fortes vínculos com a Itália e a província de Trento, principalmente pela figura da Irmã Miriam, e tinham como inspiração a experiência do Don Lorenzo Guetti que no final do século XIV começou a trabalhar com novos agricultores para a elevação da situação econômica da província de Trento com a criação de pequenas cooperativas. Esses agricultores de Trento não eram próximos da experiência cooperativa, mas aos poucos foram adentrando na ideia da cooperação como forma de se organizar e enfrentar as dificuldades.

Com o foco de promover o encontro da COOPEAGRO com as experiências cooperativas de Trento, a primeira diretoria recebeu um convite para viajar até a Itália e ver de perto as experiências das cooperativas da província de Trento e assim poder compreender a cooperação como um caminho para o fortalecimento da agricultura

camponesa (Figura 7). Desse encontro, foi possível provocar ainda mais os agricultores sócios da cooperativa de alçarem novos voos para a promoção da autonomia, fortalecimento econômico e do espírito associativo.

Figura 7- Registros do encontro da COOPEAGRO com cooperativas da província de Trento na Itália, 2003



Fonte: ONG Semear a Vida, 2003.

Para transpor as barreiras do individualismo a cooperativa começou a trabalhar com três elementos importantes, a aproximação dos assentados em espaços de reuniões nas quais se compartilhavam experiências, dificuldades e superações, o segundo elemento os trabalhos de mutirão onde as tarefas eram realizadas por todos cada qual com sua habilidade em prol do bem comum e o terceiro elemento a promoção de uma consciência cidadã e emancipatória onde os agricultores tinham acesso a discussões que os provocassem a fazer reflexões acerca das causas da exploração a que foram submetidos e adotar uma postura combativa de luta pelos seus direitos.

A cultura do individualismo, autoritarismo, machismo, violência e medo muitas vezes presentes entre os membros do grupo- não podemos esquecer que essas pessoas vêm do mundo de latifúndios, do trabalho de um lavrador a serviço de uma sociedade piramidal onde o trabalhador não tem voz- eles foram gradualmente reconhecidos e substituídos com diálogo e estima mútua. A cada encontro em grupo, a autoestima de cada participante melhora” (Irmã Miriam, 2011, fala na iniciativa “Sulle rotte del mondo”, tradução nossa)

Outro elemento importante para a cooperativa foi trabalhar para criar uma nova relação homem-natureza com seus sócios, a assistência técnica oferecida para os agricultores e agricultoras tinha como premissa importante a compreensão de uma unidade produtiva participe com as dinâmicas ambientais na qual está inserida. Com esse ideário, os agricultores e agricultoras passaram a abandonar velhas práticas

reproduzidas ao longo de anos na cultura da cana, como a queima da área e o uso indiscriminado de agrotóxicos, naquele momento eles/as estavam começando a compreender a importância da preservação das matas, a utilizar métodos de cobertura de solo com folhas, a produzir sua própria matéria orgânica com compostagem, a plantar as madeiras que iriam ser utilizadas nas implantações da cultura do maracujá. Começaram a entender a importância de uma unidade produtiva biodiversa.

Figura 8- Registros da construção do galpão sede da COOPEAGRO, 2003



Fonte: ONG Semear a Vida, 2003.

Ainda em 2003, com a fundação da COOPEAGRO a cooperativa ganha da prefeitura de Maragogi um terreno no município para a construção de sua sede, apoiados com recursos vindos da Itália os agricultores começam a realização da construção a partir de mutirões (Figura 8).

[...] e daí [...]começou paralelo a isso o galpão com o recurso da Itália, e a gente com mutirões fomos fazendo a fundação dele, com os mutirões tinha dia de levantar as paredes e a gente vinha por semana, a gente vinha levantar parede com o pedreiro. Um ia cavando, um fazia a massa, outro carregava tijolo e cada um que sabia fazer alguma coisa fazia. E a cooperativa, a organização da cooperativa, isso aqui era a sede, onde ia dar o apoio, aí... quando abriu esse galpão e botou o contrapiso, aí... a gente teve espaço para uma feira livre, fizemos uma feira livre. Era novidade, era bombada, a gente vendia muita coisa, os agricultores vendiam o que tinha, era graviola, mamão, maracujá, laranja, limão, inhame, batata, cará, macaxeira, banana comprida, banana prata, hortaliças e tudo se vendia. Tinha o trator, que foi um grupo de italianos que cedeu, a doação de um trator, comprou um trenzinho, e eu era o tratorista, que vinha buscar gente da cidade pra cá, era o dia todo dia de sexta feira, era sexta e sábado, no começo e depois ficou só na sexta.” (Relato do Geraldo, primeiro presidente da COOPEAGRO).

Como relatado pelo primeiro diretor da COOPEAGRO, o galpão construído coletivamente pelos sócios foi o ponto de apoio da cooperativa na cidade de Maragogi, com uma boa localização, as margens da rodovia AL-101 Norte, ficando na rota tanto para o acesso dos assentamentos, quanto da entrada da própria cidade, onde tem um

grande tráfego de turistas, além de ser a única rota que liga Maragogi a capital alagoana Maceió e a capital pernambucana Recife (a aproximadamente 130 km de ambas as cidades). Com essa localização privilegiada a cooperativa iniciou uma feira livre de produtos da agricultura familiar, essa feira representou uma virada de chave para os novos rumos que a cooperativa iria tomar. Mesmo com o grande volume de vendas, ainda assim não era o suficiente para destinar todo o quantitativo da produção dos sócios. Dessa forma os cooperados tinham pela frente o desafio de buscar alternativas para evitar as perdas principalmente das frutas como o maracujá e graviola dada a sua alta perecibilidade.

Aí [...] foi quando se pensou em se armazenar o maracujá, e se armazena como? Como é que se armazena uma fruta perecível? Foi quando tivemos a ideia de triturar ela e fazer a polpa e congelar, começamos com freezers e fazíamos uma polpa manual, num liquidificador grande industrial e ia dosando na mão cem gramas, pesando as quantidades. E daí, foi arrumando recurso e aí comprou a câmara fria e as envazadoras que é a que faz os saches de 100g, no começo.” Relato do Geraldo, Primeiro presidente da COOPEAGRO.

Surgiu assim o primeiro passo para a fundação de uma agroindústria da cooperativa. A alternativa encontrada pela COOPEAGRO foi fazer o beneficiamento das frutas e transformá-las em polpas e sucos para a comercialização. Os trabalhos da agroindústria começaram em (qual o ano), com subsídios principalmente do governo e de instituições como a do projeto SEREPTA da PETROBRAS, SEBRAE, do projeto DESENVOLVE do BNDS e governo de Alagoas.

Ao longo de duas décadas de existência da COOPEAGRO, a cooperativa vêm sendo uma grande influência para a região. Em Maragogi, as ações da cooperativa perpassaram os seus sócios que chegaram a influenciar na modificação dos aspectos produtivos do município, antes dominado pelo monocultivo da cana-de-açúcar, e hoje se destaca como um grande polo de fruticultura de Alagoas, com destaque para novas culturas nos últimos anos como a pitáia, o açaí e o cupuaçu com forte protagonismo dos sócios da cooperativa.

Como vimos neste capítulo, a COOPEAGRO representa uma experiência importante no âmbito da reforma agrária no estado de alagoas. Seus trabalhos desenvolvidos com afinco em cima das premissas cooperativas e buscando sempre condições emancipatórias para os homens e mulheres do campo, vem construindo novos caminhos para a agricultura familiar dentro do município. Ao longo dos anos a

COOPEAGRO vem desenvolvendo uma grande quantidade de projetos e atividades nos assentamentos de Maragogi, esses projetos e atividades passam da construção de açudes para irrigação, novas técnicas de plantio, introdução de novas culturas, assistência técnica, fortalecimento da rota de turismo rural e artesanato, inserção dos agricultores em mercados formais e institucionais, formação dos agricultores e agricultoras, etc. Essas atividades serão analisadas de forma aprofundada pela lente da perspectiva teórica da produção de novidades no próximo capítulo.

## 5 PRODUZINDO NOVIDADES ATRAVÉS DA COOPERAÇÃO

“A gente que trabalhou com cooperativismo até hoje, eu tenho uma educação de cooperativismo, eu tenho um comportamento diferente”

Entrevista com Geraldo o primeiro Presidente da COOPEAGRO

Ao longo do tempo os agricultores familiares constroem estratégias para a manutenção dos seus modos de produção. No caso dos assentamentos rurais, as trajetórias de vidas desses atores são distintas e convergiram para Maragogi. Um processo longo, com muitas barreiras, mas que através da cooperação pode se tornar um processo mais fácil.

Nesse capítulo serão abordadas as novidades produzidas pela confluência de trajetórias de vida de atores inseridos nos assentamentos de Maragogi e como a cooperação tem um papel importante para a construção de novas possibilidades de vida e fortalecimento da agricultura familiar. A COOPEAGRO se mostra nesse quadro como a principal novidade organizativa, e que através dessa novidade outras se desenvolvem e se consolidam. O resultado um quadro multidimensional de novidades que tem impactos sociais, econômicos e ambientais.

O capítulo está dividido em cinco seções, para além dessa introdutória. A primeira traz alguns elementos para se pensar na cooperação como caminho possível para a emergência de novidades na agricultura famílias. A segunda seção, traz alguns pontos importantes sobre as trajetórias dos sócios da cooperativa, de onde eles vêm, quais as dificuldades que passaram e os caminhos até chegar na cooperativa. A terceira seção, traz um panorama sobre as atividades desenvolvidas no âmbito da cooperativa e seus potenciais inovativos. A quarta, será voltada para a análise das novidades geradas na cooperativa. E a quinta, um fechamento do capítulo que mostra o papel desses atores como agentes de mudança e construtores de novas possibilidades para agricultura familiar de Alagoas.

## 5.1 A COOPERAÇÃO COMO POSSIBILIDADE PARA EMERGÊNCIA DE NOVIDADES NA AGRICULTURA FAMILIAR

Nesta seção serão levantados alguns pontos para compreender a relação da cooperação com a produção de novidades na agricultura familiar a partir do contexto em que está inserida a experiência cooperativista da COOPEAGRO.

A etimologia da palavra cooperação corresponde ao significado de cooperar, que é compreendida como a ação de prestação de um auxílio para um resultado comum (PINHO, 2004). Conforme Pinho (2004) a partir de uma perspectiva funcionalista, a cooperação pode ser compreendida como um desenho específico do processo social, onde há uma organização (que pode ser menos ou mais organizada) a partir da conjugação das ações de um coletivo de pessoas para atingir um mesmo objetivo. A autora salienta que a ação de cooperar é tão velha quanto a natureza humana.

Para Costa (1989), a cooperação tem um significado mais amplo: “é a contribuição de muitos para a produção de bens e serviços, para a realização de objetivos, na produção do saber, na gestão de interesses, entre outros [...]” (COSTA, 1989, p.34). Costa *et al.*, (2010) ressaltam que “a cooperação é um outro fator imprescindível nas comunidades para se processar ações que resultem em desenvolvimento local”. Porém, para as comunidades rurais nem sempre são bem recebidos os projetos associativistas e cooperativistas de forma institucionalizada. Segundo Costa *et al.*, (2010), a institucionalização do cooperar, daquilo que já era natural para a comunidade, muitas vezes quando assume a figura de uma pessoa jurídica acaba por desmobilizar os atores sociais para a participação por exemplo, em associações, sindicatos, cooperativas etc.

No que diz respeito a realidade dos assentamentos da reforma agrária, este se apresenta como um contexto diferenciado do ponto de vista de constituição da comunidade. Onde as trajetórias dos atores sociais que ali se encontram naquela nova localidade apresentam-se de modos distintos, com experiências e repertórios culturais diferenciados. Nestes casos, Segundo Scopinho (2007), a cooperação se apresenta como uma estratégia de superação das dificuldades historicamente vivenciadas, correspondendo a possibilidade de criar novos modos de gerenciamento da realidade, já que por exemplo economicamente, os recursos obtidos como a quantidade de terra

e os créditos recebidos do Estado para produzir são, individualmente, insuficientes (SCOPINHO, 2007). Como aponta a autora:

A cooperação não depende apenas da criação de estruturas (cooperativas, associações etc.), do treinamento de habilidades ou da educação dos sujeitos para o exercício da solidariedade. Nos assentamentos rurais, as relações de cooperação são mediadas por um conjunto de condicionantes estruturais que são (ou não) dados, especialmente, a partir da relação estabelecida com o Estado, cuja responsabilidade na reforma agrária não se resume na mediação dos conflitos fundiários e na redistribuição de terras e se estende, sobretudo, na viabilização dos assentamentos ao criar as condições de infraestrutura sem as quais não se sustenta a organização, por mais autônoma e politicamente preparada para o exercício da cooperação que a comunidade esteja. É ainda mediada pelo próprio sentido atribuído pelos trabalhadores rurais à cooperação e à cooperativa (SCOPINHO, 2007, p.91).

No estudo realizado por Fabrini (2000) sobre as formas de cooperação agrícola nos assentamentos brasileiros, o autor aponta que as formas organizativas como as associações, grupos coletivos, cooperativas, exercem a função de articulação dos assentados na busca de recursos, créditos, infraestruturas, organização de outros acampamentos e ocupações, além da própria organização produtiva.

O cooperativismo no contexto empírico estudado, surge como uma estratégia para produção e reprodução social dos assentados e assentadas da reforma agrária. É através da cooperativa que os agricultores conseguem se organizar para alcançar objetivos comuns, como conseguir trocar experiências, ter acesso a assistência, ter acesso instrumentos e insumos etc. Diante de tantas dificuldades enfrentadas, desde a luta pela terra, até a fixação das famílias, a adaptação as novas condições e plena produção dos seus lotes, esses atores perceberam que individualmente não seria uma tarefa fácil.

A produção de novidades, no contexto estudado, está intimamente ligada a cooperação dos assentados para organização coletiva e a viabilidade produtiva. As novidades são caracterizadas por se basearem no conhecimento dos agricultores (conhecimento tácito e o contextual), por possuírem um perfil de radicalidade, por serem produzidas em um contexto institucional e por estarem enraizadas em um determinado contexto territorial (WISKERKE; PLOEG, 2004).

Nas próximas seções será possível visualizar a cooperação, os conhecimentos mobilizados e as novidades geradas nesse contexto cooperativo. Para se construir novas estratégias de produção, processamento e comercialização dos produtos foram necessários a mobilização coletiva com vistas a um objetivo comum.

## 5.2 DE ONDE VEM ESSES ATORES, QUAIS SUAS TRAJETÓRIAS?

Esta seção pretende mostrar a trajetória dos atores entrevistados por esta pesquisa, com objetivo de conhecer alguns elementos para entender como eles se encontraram na COOPEAGRO. A entrada nos assentamentos representou a primeira quebra nas rotinas existentes e a reconversão da trajetória de vida desses atores, a partir daquele momento os repertórios trazidos por cada indivíduo convergiam para esse mesmo território. Os entrevistados afirmam que a conquista do pedaço de terra foi um passo muito importante para se ter autonomia, liberdade e sobreviver, mas que no início enfrentaram a barreira do conhecimento (Entrevista 03). Eles não tinham costume com outras culturas e a cana não era mais compatível com a realidade deles.

Mudou 100% a sobrevivência, no passar bem né, mudou 100% minha vida e da minha família. Agora a gente tinha liberdade. Apesar de que no começo foi difícil, a gente não tinha conhecimento. (Entrevista 03).

Os entrevistados tinham trajetórias semelhantes do ponto de vista do trabalho, todos os 10 entrevistados possuíam vínculo de trabalho no processo produtivo da cultura de cana-de-açúcar, antes de entrarem nos assentamentos. As funções eram variadas, boia fria, tratorista, técnico agrícola, trabalhadores das fazendas e engenhos. A ligação dos entrevistados com a agricultura vinha de suas famílias, pois os pais eram agricultores familiares.

A entrada para a reivindicação das terras se deu a partir de convites feitos pelos dirigentes dos movimentos sociais, do MST e CPT, os entrevistados relatam que foram chamados para integrar as frentes de reivindicação, mas nem todos continuaram ou aderiram totalmente a esses movimentos. O encontro desses atores com os movimentos sociais, na maior parte dos relatos, foi apenas no início das ocupações e da constituição dos assentamentos, se desfazendo os vínculos após a estruturação dos lotes e a construção das unidades de moradia.

A conquista da terra foi a virada de perspectiva para a vida de suas famílias e de seus modos de produção. Ao serem perguntados sobre a mudança do se tornar um assentado, os entrevistados relataram sobre a melhoria na autonomia, na liberdade e na geração de renda familiar. Como apontado na entrevista 01, onde o sócio relata:

Mudou assim, a gente tem um pedaço de terra pra trabalhar, pra viver dele, e ter uma liberdade melhor de você se organizar pra o que você vai plantar, como vai plantar, onde vai vender. É você que fica responsável pela atividade da família. De gerar renda pra família. (Entrevista 01)

A terra ganhou novos significados, agora símbolo de independência, de modelo de vida, de fartura. Essa ligação afetiva com a terra foi reestabelecida, pois antes os agricultores estavam inseridos em modelos de trabalho em que não havia um pertencimento com a terra. Eram apenas trabalhadores e desenvolviam as atividades ordenadas por outros, em terras de outros donos.

“Terra pra mim, significa tudo. Eu acho assim, que a gente que tem a chance de ter um pedaço de terra, eu acho que tem a independência, é uma pessoa independente. Só se você não tiver a coragem de trabalhar, porque tendo a coragem, você tem tudo. Porquê da terra sai o alimento. Inclusive, eu vivi dois anos na cidade, tive essa experiência e voltei, não me adaptei a morar na cidade porque eu me identifico com o campo.” (Entrevista 05)

“O que eu posso dizer, eu fui criado num local praticamente isolado, eu não tinha conhecimento do povo de fora, o assentamento mudou, era muito gente de fora, você ia estudar e conhecia muita gente diferente. A questão do sítio pro assentamento, outra coisa que mudou, você conhecia mais a cana de açúcar, você começou conhecer mais a fruticultura, viver mais da fruticultura. Eu acho assim, um ponto positivo pra gente, por exemplo a pecuária, era uma coisa pros grandes criar animais, a gente começou a viver da pecuária e da fruticultura. A importância foi muito grande.” (Entrevista 09)

Nas entrevistas 05 e 09, são trazidos dois pontos importantes, o primeiro ponto a identificação dos entrevistados com o campo, as relações desses assentados com a terra foram reestabelecidas e o sentimento de pertença faz com que eles continuem nos seus lotes de produção, mesmo tendo oportunidades de viver na cidade, a adaptação a uma realidade urbana é dificultosa, pois como o entrevistado 05 relata, a terra significa independência, significa possibilidade de produzir o sustento de sua família de forma autônoma. O segundo ponto, é a questão das dinâmicas sociais e as relações estabelecidas dentro das comunidades assentadas. Os assentamentos representam um espaço de interação, de trocas, de solidariedade e de cooperação. A partir dos espaços coletivos os agricultores conseguem passar seus conhecimentos e expandir suas redes de interação com outros sujeitos dotados de novos conhecimentos e experiências outras, capazes de impactar os modos de produção como relatado pelo entrevistado 09.

Entrar no assentamento, não representou uma mudança fácil, os entrevistados relataram as dificuldades que existiam, principalmente para a produção de novas

culturas que faziam mais sentido para a reprodução social de suas famílias. A terra não era boa para o plantio, os solos já bastantes degradados com uso exaustivo para a reprodução da cultura da cana, alguns lotes sem acesso a água, ou com condições topográficas pouco propícias a implantação de culturas, foram os limitantes encontrados. Na entrevista 03, é relatado que:

A dificuldade aqui pra eu começar a plantar, foi longe por causa que eu num, porque aqui não tinha conhecimento, quando eu cheguei. Aí foi preciso eu tomar conhecimento, aí fui aqui no vizinho aqui de trás chamado Ricardo, mais um menino chamado Marcos. Foi que me incentivou em como eu podia fazer, né!? E até as sementes dessas graviolas eles que cederam pra mim, aí eu plantei, mas foi eles que me ensinaram como eu plantava e como eu fazia. Aí eu peguei toda a base. (Entrevista 03)

Portanto, como apontado pelo entrevistado 03, a principal estratégia para contornar as dificuldades para plantar foi o compartilhamento de conhecimentos entre os próprios vizinhos de lotes. A partilha de saberes, sobre as condições do solo, as melhores culturas para implantar, a troca de sementes e mudas, a troca de experiências sobre os tratamentos culturais e o controle de pragas, etc. As trocas entre os agricultores e a cooperação para o estabelecimento de novos modos de produção foi a estratégia mais utilizada pelos agricultores. Eles falam que até acessaram alguns projetos, assistência técnica e alguns insumos pelo INCRA, mas que estes eram insuficientes ou não eram compatíveis para sanar as dificuldades.

A entrada na COOPEAGRO, para os entrevistados, se deu pela necessidade de canais para comercializar a produção. Através do projeto PEAGRO, do convite de um vizinho para participar, pela curiosidade de como funciona a cooperativa ou através de cursos e projetos da cooperativa, esses agricultores familiares entraram na instituição. A COOPEAGRO significou uma importante mudança para os entrevistados, pois eles relatam que a partir da cooperativa conseguiram um melhor acompanhamento técnico, novos conhecimentos sobre outros tipos de produção e canais de comercialização. Na entrevista 04, o sócio relata:

[...] de vez em quando vem um técnico da COOPEAGRO pra dizer como a gente pode fazer. Como uma praga vem, como abater ela. Os agricultores também, a gente sempre conversa pessoalmente visitando a casa um do outro. (Entrevista 04).

Então é possível observar através do relato do entrevistado 04, que a cooperativa traz consigo um melhor acompanhamento técnico, mas que ainda assim,

as visitas entre os agricultores vizinhos de lote continuam sendo uma ferramenta de troca de conhecimento. Em que a cooperativa tem fortalecido esses espaços de trocas.

A produção dos entrevistados, são destinadas para o autoconsumo, para a cooperativa e algumas são destinadas para atravessadores, como é o caso do coco. A produção dos entrevistados é bastante diversificada, graviola, maracujá, acerola, banana, coco, caju, pitaia, açai, produção de mel e própoles, ovos, macaxeira, hortaliças, legumes e verduras. A produção principalmente para fruticultura é incentivada para a produção de polpas na agroindústria da cooperativa, então essas culturas são pensadas para destinar a cooperativa.

Quando indagados sobre a principal mudança propiciada pela entrada na cooperativa os agricultores, ressaltam principalmente os canais de comercialização. Como apontado, na entrevista 08:

Melhorou a produção, e melhorou também porque o agricultor tem uma certeza que ele sabe onde vai vender a produção dele e tem esse apoio em saber que a produção dele vai ter uma destinação. (Entrevista 08)

Mas para além da comercialização, a COOPEAGRO representa uma mudança na forma de se organizar e de produzir para os agricultores. De forma autônoma e participativa, os agricultores sentem-se parte integrante da cooperativa, os espaços de reuniões, cursos e assembleias são instrumentos para a troca de conhecimento, levantar problemas, formular soluções, falar sobre os planos para o coletivo e fortalecer a autoestima dos agricultores como agentes e responsáveis pelas transformações em sua vida e na vida da coletividade. Como apontado na entrevista 10:

O cooperativismo é muito importante para a gente tá se unindo e fortalecendo a agricultura, e fortalecer o agricultor a permanecer no campo e se estruturar. Sem a cooperativa fica bem mais difícil, já é difícil com ela e sem ela fica mais difícil. (Entrevista 10)

Portanto, a experiência cooperativa desses agricultores representa uma novidade do ponto de vista organizacional, pois os entrevistados reafirmam que vencer o individualismo e trabalhar de forma coletivizada, faz com que eles consigam romper as barreiras encontradas de forma mais fácil. E que mesmo com grandes desafios, unidos eles conseguem alcançar seus objetivos.

### 5.3 ANALISANDO O CASO DA COOPEAGRO: AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA COOPERATIVA E SEUS IMPACTOS INOVATIVOS

A COOPEAGRO desenvolve um papel importante para o fortalecimento produtivo dos agricultores inseridos na instituição. Com o objetivo institucional de promover a viabilidade do processo de industrialização dos produtos agrícolas dos seus cooperados, bem como comercializar os produtos industrializados e *in natura*. As ações junto ao corpo técnico visam promover a diversificação produtiva e criar estratégias e construir projetos que permitam a viabilizar as diversas atividades promovidas pelos seus sócios.

Em seguida, serão expostos alguns eixos de atividades promovidas pela instituição bem como a maneira como elas são desenvolvidas. Esses eixos de atividades representam o impacto inovativo da cooperativa no âmbito produtivo, tecnológico, mercadológico e organizacional.

#### 5.3.1 Diversificação produtiva

A diversificação produtiva está diretamente ligada aos modelos de produção característicos da agricultura familiar. A diversificação é uma estratégia importante para a reprodução da família, pois evita que o autoconsumo e a obtenção de renda sejam comprometidas por alguma razão.

Ao se tornarem assentados, os entrevistados afirmaram que a princípio construir essa diversidade produtiva representou uma grande dificuldade. As terras destinadas aos mesmos, era marcada por limitantes para a produção, além da falta de conhecimento dos agricultores em outras culturas agrícolas que não fossem cana-de-açúcar, e ainda existia uma grande dificuldade para começar a organizar a produção dos seus lotes de acordo com as necessidades de uma agricultura voltada para a família. O primeiro passo para contornar essa situação foi a comunicação e a troca de conhecimentos entre os vizinhos de lotes.

Entre os próprios agricultores, a troca de sementes e mudas, as orientações sobre as melhores culturas para implantar em determinados espaços dos lotes, as culturas mais rentáveis para se vender na região, eram recorrentes. A entrada nos assentamentos corresponde, portanto, ao abandono de ideias individualistas e ao início do cooperar como forma de sobrevivência.

A partir dos espaços coletivos dos assentamentos, na conversa em uma reunião, no encontro do dia a dia na mercearia do assentamento, na quermesse da igreja ou na mesa de um bar, os agricultores têm momentos de interação e reconhecem entre eles os agricultores com mais experiência em determinadas culturas, os mais criativos para implementar novas técnicas de cultivo, aquele que está começando a introduzir uma nova espécie na região.

A fruticultura nos assentamentos em Maragogi nasce nesse lugar de troca e experimentação. Os entrevistados identificam a figura de dois sócios da COOPEAGRO, como os grandes representantes da introdução, experimentação e difusão de conhecimentos para a guinada da fruticultura nos assentamentos. Responsáveis, Marcos e Rivaldo pela introdução da Graviola e Maracujá em 2000/2002, atualmente esses mesmos agricultores estão sendo pioneiros na cultura do açaí e da pitáia. Na figura 9 é possível visualizar uma área produtiva no assentamento Bom Jesus, nesta área estão implantadas a cultura da graviola na margem esquerda do riacho e a margem direita está presente a cultura do açaí. O agricultor responsável pelo lote relata que como está no início da introdução do açaí nesta área ele está experimentando os melhores espaçamento e observando a taxa de germinação da cultura.

Figura 9 - Área Produtiva no Assentamento Bom Jesus



Fonte: Elaborada pela autora.

A cooperativa enquanto instituição auxilia esses processos de experimentação dos seus sócios, trazendo informações técnicas, mostrando novos insumos, fornecendo maquinário, melhores variedades, trazendo cursos para introdução de novas atividades, como é o caso da apicultura. A apicultura foi introduzida para os sócios através de um projeto que distribuiu caixas de abelhas para a produção de mel e própoles, os sócios que têm o perfil mais compatível com a atividade conseguiram seguir adiante com a atividade, atualmente a cooperativa conta com 15 sócios envolvidos na atividade com três a quatro caixas de abelha. Com o destaque positivo do projeto de apicultura, o novo projeto junto com a SEMAPA (Secretária Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento de Maragogi), que é a reabertura da casa do mel localizada no assentamento Massangano. A ideia é que a cooperativa fique à frente da atividade, e desenvolvendo junto a secretária um selo de qualidade municipal para os produtos da apicultura.

Outro projeto que está sendo implantado ao longo do ano de 2021 e início do ano de 2022, é o de produção de ovos (Figura 10). Desde as atividades do projeto PEAGRO, foi identificado o grande potencial dos agricultores para a criação de pequenos animais, a ideia inicial era principalmente a obtenção de matéria orgânica originadas a partir dessas criações. Atualmente, são nove sócios responsáveis pela criação de galinhas para a produção de ovos, que já estão mostrando resultados positivos com uma produção mensal de mais de 6 mil unidades de ovos destinados para alimentação escolar para prefeituras de municípios da região.

Figura 10 - Criação de Galinhas para postura de ovos



Fonte: Elaborada pela autora.

### **5.3.2 Construção de equipamentos sociais coletivos: Casa das frutas, Cisternas e açudes, casa do mel**

A COOPEAGRO enquanto instituição compreende a importância de equipamentos sociais coletivos que buscam fortalecer as atividades produtivas de seus sócios. São destaque o projeto de irrigação desenvolvido no início da consolidação da cooperativa, esse projeto buscava financiamento para a construção de açudes e cisternas destinadas para a irrigação das culturas frutíferas dos lotes dos agricultores.

Outro destaque são as Casas das Frutas (Figura 11), elas são equipamentos coletivos de grande impacto para a cadeia produtiva da fruticultura e a obtenção de polpas de qualidade. As casas de frutas representam uma inovação criada para melhorar o aproveitamento dos frutos e diminuir as perdas ocasionadas pela maturação dos frutos antes de chegar à agroindústria.

Figura 11 - Casa das Frutas no Assentamento Bom Jesus



Fonte: Elaborada pela autora.

Ela consiste em uma construção equipada com tanque de higienização, uma sala de despolpa e uma sala de armazenamento com freezers. Nas casas de frutas principalmente as agricultoras realizam o pré-beneficiamento das frutas, o processo consiste na lavagem com água, uma segunda lavagem com cloro, a retirada do cloro com uma terceira lavagem, logo após a realização da despolpa, a embalagem da pasta concentrada e o armazenamento. Com as pastas já congeladas o transporte é feito para a cooperativa em um caminhão frigorífico e levada para o armazenamento nas câmaras frias da agroindústria.

Atualmente os sócios contam com 10 casas de frutas, as primeiras foram construídas com recursos próprios e outras 5 foram subsidiadas a através da parceria

entre o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), a Desenvolve (Agência de Fomento de Alagoas) e a COOPEAGRO.

A COOPEAGRO também está à frente da reativação da casa do mel no assentamento Massangano, como já mencionado anteriormente, esse é um projeto da SEMAPA, porém dado o reconhecimento da cooperativa como pioneira na atividade de apicultura na região, a secretária convidou a COOPEAGRO para reformular o projeto inicial. A casa do mel pretende ser um equipamento de uso coletivo dos agricultores envolvidos na produção de mel e seus produtos, nela será capaz de realizar os procedimentos de processamento do mel e seus derivados.

### **5.3.3 A agroindustrialização: a Fábrica de polpas da COOPEAGRO**

Como apontado anteriormente, com a consolidação da produção agrícola dos sócios da cooperativa, os grandes volumes de frutas produzidos não eram absorvidos nos mercados de comercialização. Como as frutas são produtos de alta perecibilidade, os agricultores necessitavam de uma alternativa para armazenar e vender a produção. A alternativa encontrada foi a de produzir polpas de frutas.

Em um primeiro momento as polpas começaram a ser fabricadas de forma artesanal, com a maior parte dos processos manual. As polpas eram feitas a partir da despolpa manual e com um auxílio de um liquidificador industrial eram submetidas a homogeneização, logo depois eram medidas de forma manual as quantidades e inseridas nas embalagens. O armazenamento era feito em refrigerados tipo freezer.

Com a necessidade de procedimentos padronizados para a venda das polpas, a cooperativa gradativamente foi obtendo recursos e adquirindo o maquinário necessário. Foi de grande impacto a obtenção de crédito através de parcerias com o Governo do estado de Alagoas pela Desenvolve (Agência de fomento de Alagoas) e Projeto de patrocínio da PETROBRAS (Programa PETROBRAS Desenvolvimento e Cidadania), que tiveram grande impacto para adquirir os equipamentos necessários para o incremento tecnológico do processo de fabricação das polpas. Ao longo do tempo a Fábrica de polpas (Figura 12), foi se estruturando e hoje está em seu pleno funcionamento.

Figura 12 - Fábrica de Polpas da COOPEAGRO



Fonte: ONG Semear a Vida (2011).

A Fábrica de polpas da COOPEAGRO dispõe de duas despoldadoras, três tanques com sistema de resfriamento, sendo eles de, 300 kg, 1000 kg e 1500 kg, duas máquinas de envase, um túnel de congelamento com capacidade de armazenamento de 5 toneladas, e mais 4 câmaras frias de 80 toneladas de armazenamento. Possui também maquinário para a fabricação de suco natural, mas devido ao período pandêmico a cooperativa desativou essa linha de produtos. São fabricadas polpas de 15 sabores, que são maracujá, graviola, acerola, abacaxi, pitanga, caju, açaí, goiaba, uva, mangaba, mamão, manga, cajá. A produção média de 300 toneladas de polpas

anualmente, que são destinadas às escolas, prefeituras, supermercados, mercearias, hotéis e pousadas.

#### 5.3.4 Inserção nos Mercados: PAA, PNAE, Mercados de cadeia longa e de proximidade

A cooperativa tem um importante papel para a absorção da produção não só dos seus sócios como de outros agricultores inseridos na fruticultura na região, promovendo uma espécie de regulação dos preços das frutas de acordo com a safra e ajudando-os a não ficarem à mercê dos preços impostos pelos atravessadores.

A cooperativa também é responsável por inserir seus sócios nos mercados institucionais, principalmente nos programas PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa de Alimentação Escolar) de municípios da região como Japaratinga, Porto de Pedras, Maceió etc. Os produtos voltados para os mercados institucionais são tubérculos e raízes, hortícolas, frutas *in natura*, polpas de frutas e ovos. E a inserção nos mercados cadeia longa com a venda das polpas de frutas para supermercados, mercearias, hotéis e pousadas, tanto na região, quanto em Recife e Agreste de Alagoas e Pernambuco.

Figura 13 - Feira no Galpão da COOPEAGRO, 2006



Fonte: ONG Semear a vida (2006).

A cooperativa ainda realiza a venda dos produtos na própria sede com a realização de feiras no galpão da cooperativa, como mostrado acima na figura 13. Essas feiras

atualmente não estão em funcionamento devido ao período de crise sanitária, no entanto, a instituição em estudando novas formas de reestabelecer a venda direta na cooperativa.

### **5.3.5 Apoio a novas iniciativas da região: Mulheres de Fibra e Trilha do Visgueiro**

A COOPEAGRO está intimamente ligada a duas experiências organizativas dos agricultores no assentamento Água Fria, a primeira é a Associação Mulheres de Fibra e a segunda a trilha do Visgueiro. A Associação Mulheres de Fibra (Figura 14), é uma organização associativa que trabalha com artesanato realizados por mulheres dos assentamentos de Maragogi. Com Sede no assentamento Água Fria, a associação envolve 20 mulheres que desenvolve produtos com a fibra de bananeira, essas mulheres transformam a fibra em lindos tapetes, bolsas, cestos, passadeiras, etc. A iniciativa das Mulheres de Fibra tem grande impacto social na vida das mulheres assentadas, sendo um importante instrumento de emancipação feminina através da geração de renda. A associação é reconhecida no Estado de Alagoas e coleciona prêmios nas exposições de artesanato em Alagoas. A associação está intimamente ligada a COOPEAGRO e sua fundação foi feita por sócias da cooperativa.

Figura 14 - Associação Mulheres de Fibra



Fonte: Elaborada pela autora.

A Trilha do Visgueiro (Figura 15), nasceu do esforço dos agricultores em mostrar outras alternativas de turismo no município de Maragogi que não estejam vinculados aos já famosos passeios no balneário da cidade, com grande fama pelas suas águas quentes e lindas piscinas naturais. A trilha se apresenta como uma alternativa de passeio em meio a uma área da mata atlântica preservada pelos agricultores. Na trilha se pode ter contato com a natureza, observar o Visgueiro centenário e tomar banho no riacho que forma penas quedas d'água. A ideia de explorar a trilha do Visgueiro, nasceu dentro da COOPEAGRO, mas atualmente funciona de forma autônoma a partir da associação dos jovens, filhos de agricultores, que hoje auxiliam os passeios como guias turísticos.

Figura 15 - Trilha do Visgueiro



Fonte: ONG Semear a Vida (2009).

#### 5.4 A COOPEAGRO COMO UMA NOVIDADE ORGANIZACIONAL: A AGÊNCIA DOS ATORES PARA A GERAÇÃO NOVIDADES MULTIDIMENSIONAIS

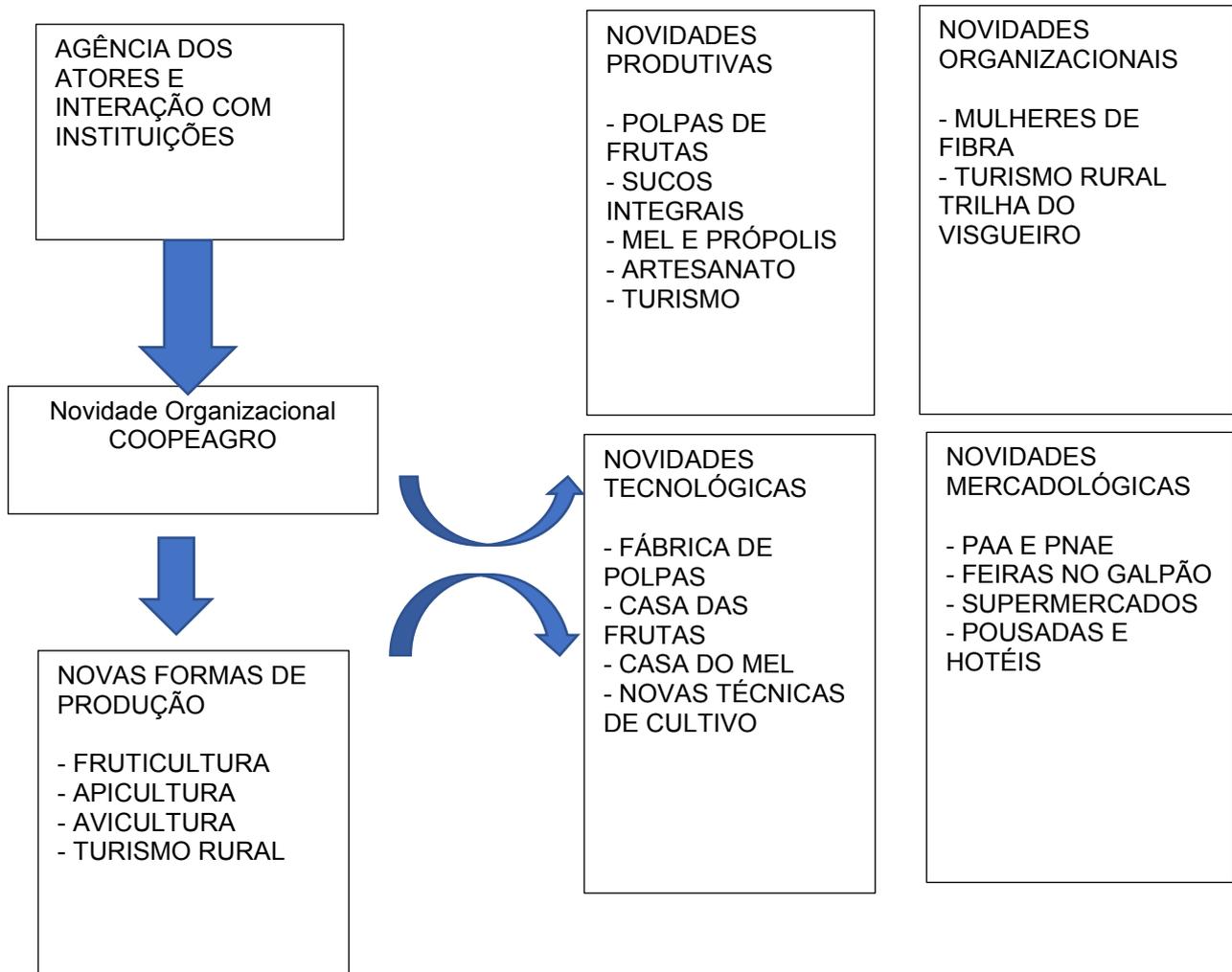
Nesta seção serão discutidos os elementos principais para a produção de novidades na agricultura familiar a partir da experiência da COOPEAGRO. As novidades discutidas aqui, são as novidades organizacionais, novidades produtivas, novidades tecnológicas e novidades mercadológicas gestadas no âmbito da cooperativa. A própria COOPEAGRO, neste trabalho é considerada uma novidade do ponto de vista organizacional.

Ao analisarmos a trajetória da COOPEAGRO podemos identificar alguns pontos de destaque importantes para compreender os processos iniciais que possibilitaram a produção de novidades no âmbito da COOPEAGRO. O primeiro ponto de destaque, é o tensionamento ocasionado pelo contexto local, os conflitos e as condições precárias dos acampamentos e posteriormente assentamentos que tensionam os agricultores a traçar caminhos alternativos para a realidade em que vivem. O segundo ponto, é a condição desses atores e sua relação com o território, antes de adentrarem o espaço de luta pela terra esses atores eram trabalhadores rurais de usinas da região, sua relação com terra era pautada pelas dinâmicas do cultivo da cana-de-açúcar, o que causava uma barreira para a construção de um pertencimento ao território e as alternativas de produção mais adaptadas a realidade. O terceiro ponto de destaque, é que a trajetória de mudanças foi iniciada a partir do encontro entre as irmãs da Associação do Sagrado Coração de Jesus e os trabalhadores rurais, esse encontro viabilizou a interação desses atores com as instituições de financiamento de projetos sociais.

As interações dos trabalhadores rurais, com as irmãs da associação e as instituições de financiamento, cada qual com sua agência nesse contexto, viabilizou a construção de espaços para se pensar no cooperar como possibilidade de mudança nas trajetórias vigentes. O que se pode observar olhando para essa trajetória é que há a emergência de um conjunto de mudanças multidimensionais, a partir da novidade inicial que seria a própria cooperativa que potencializa e promotora de outras novidades.

Ploeg (2008), destaca que a produção de novidades pode ser constituída num programa em desenvolvimento, onde as primeiras novidades geradas acabam por gerar outras novidades interligadas, dessa forma pode ocorrer uma reestruturação que reúne vários aspectos da produção material e do ambiente institucional no qual os atores conduzem. Oestindie e Broekhuizen (2008), nomeiam esse conjunto de mudanças interligadas com impactos multidimensionais de *Webs novelties* (Teia de novidades). O caso da COOPEAGRO evidencia esse processo de geração de novidades interligadas, visto que a partir da organização dos agricultores houve uma produção de novas formas de se fazer agricultura, processos de agregação de valor de produtos, mecanismos para venda desses produtos, criativas redes de exploração de potencialidades do turismo rural e do artesanato.

Figura 16 - Ambiente de produção de novidades da COOPEAGRO



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

A figura 16, nos dá um quadro geral de como o ambiente da COOPEAGRO propicia a produção de novidades na agricultura familiar no município de Maragogi. Como demonstrado neste quadro, e ao longo deste trabalho, a cooperativa nasce do tensionamento provocado pela agência dos atores envolvidos com instituições exógenas ao espaço dos assentamentos, devido a um ambiente pouco propício aos agricultores para a comercialização dos produtos fruto do trabalho das unidades familiares a COOPEAGRO representa uma estratégia organizacional para que os agricultores consigam escoar sua produção de maneira mais competitiva.

A cooperativa enquanto instituição provoca os agricultores e suas capacidades de saber-fazer, a introdução de novas maneiras de produzir como a introdução da fruticultura, a introdução da apicultura e avicultura. Olhando para o caso da fruticultura, a cooperativa tem um grande papel para a expansão da atividade na região,

atualmente o município de Maragogi é considerado um polo de fruticultura do estado, segundo o INCRA a fruticultura é representada por 57% da produção dos assentados da reforma agrária no município (INCRA, 2021). A atividade representa uma mudança importante no regime sociotécnico<sup>1</sup> da região, visto que, se trata de uma transformação da paisagem antes marcada pela monocultura da cana-de-açúcar.

A introdução das culturas frutíferas nos assentamentos foi realizada pelos próprios agricultores, a partir dos conhecimentos trazidos de seus locais de origem, esses conhecimentos foram compartilhados, remodelados e alocados nessa localidade, com o passar dos anos todos os assentamentos de Maragogi foram marcados pela atividade. As novas formas de produção introduzidas pelos agricultores, são o primeiro passo para a transformação da paisagem, o espaço antes ocupado apenas pelos extensos canaviais e marcados pelas dinâmicas de produção insustentáveis, tanto social como ambientalmente, agora dão lugar a um mosaico com variada gama de espécies. Essa transformação é visível ao fazermos o trajeto da área rural de Maragogi, os espaços ocupados por fazendeiros e os espaços ocupados pelos assentados, tem uma diferença clara, a diversidade agrícola (Figura 17).

Figura 17- Paisagens que contrastam, a esquerda assentamento Bom Jesus, a direita área de fazenda do município



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

<sup>1</sup> Arie Rip e René Kemp (1998), propõe a noção de regime sociotécnico, resgatando diferentes disciplinas como Antropologia econômica, sociologia das tecnologias e história das tecnologias, esses esforços foram feitos para complementar a noção de regime tecnológico proposta por Nelson e Winter (1982). Rip e Kemp (1998), defendem que o regime tecnológico é também social.

O regime sociotécnico se apresenta como um conjunto de normas ou regras semicoerentes que modificam vários seguimentos sociais que permitem a operacionalização de determinadas práticas (RIP; KEMP, 1998). Dentro da agricultura, essas regras são perceptíveis através por exemplo dos manuais técnicos desenvolvidos para cada cultura a partir de suas especificidades. No caso estudado, o regime sociotécnico foi ao longo de mais de 400 anos moldado pelas dinâmicas sociais e econômicas da cana-de-açúcar, dentro desse regime estava um complexo quadro composto pelos processos de produção, pelo manuseio de artefatos e pessoas, procedimentos e técnicas, conhecimentos, práticas e tecnologias. Com a entrada dos assentamentos, e dos atores que compõem esses assentamentos, é evidenciado que o regime sociotécnico pré-existente e todos as dinâmicas envolvidas para sua manutenção, não são compatíveis com o modo de vida e de produção de agricultores familiares. É necessário então, a reformulação das práticas ou a introdução de novas práticas compatíveis, no caso dos assentamentos de Maragogi a alternativa foi a mobilização de novos conhecimentos e a introdução de novas formas de produção.

O cenário de inserção dessas novas práticas é marcado pela:

- a) a introdução de novos atores, os assentados;
- b) um ambiente institucional propício pela construção dos assentamentos pelo governo federal e estadual;
- c) pela procura de novas culturas em substituição a cana-de-açúcar.

Assim, a mudança no regime sociotécnico nesse território é consequência de um ambiente de instabilidade, com a queda das usinas e a reprodução com maior grau de estabilidade e coerência pelos assentados da reforma agrária. Com a consolidação da fruticultura, o reconhecimento e a entrada dos órgãos governamentais para olhar o ambiente e seu potencial produtivo para a atividade foi gradativo.

Para esse quadro de mudanças a COOPEAGRO tem um papel fundamental. A partir dessa novidade organizacional representada pela COOPEAGRO, outras novidades são geradas, como as novidades produtivas, novidades tecnológicas, novidades de mercados e outras novidades organizacionais. As novidades produtivas podem ser representadas por novos produtos/processos, que no caso da COOPEAGRO os novos produtos como as polpas e sucos naturais, mel e própolis, os produtos artesanais como bolsas, tapetes, cestos, confeccionados com a fibra de

bananeira e novas alternativas de turismo rural para o município, representam essas novidades contendo características e propriedades específicas do contexto. A identificação desses produtos como originados da produção familiar dos agricultores assentados fazem com que esses produtos tenham qualificações diferenciadas de outros produtos do mercado, e acabam por trazer maiores ganhos para os agricultores pois essas qualidades específicas trazem maior agregação de valor aos produtos e conseqüentemente maior geração de renda para os agricultores, como apontado no estudo de Nierdele (2010).

Atrelado as novas maneiras de produzir estão ligadas as novidades tecnológicas, que são representadas pela casa de frutas, pela fábrica de polpas e a casa do mel, esses equipamentos de uso coletivo representam a introdução de tecnologias para o processamento dos produtos *in natura* e a transformação em novos produtos com maior agregação de valor e com maior tempo de armazenamento. Por exemplo a casa de frutas e a fábrica de polpas são essenciais para a transformação das frutas em natura em polpas e sucos, nelas é possível realizar o processamento necessário para a obtenção desses produtos, dentro desses espaços de produção são incrementadas tecnologias (envazadoras, despoldadoras, câmaras frias, etc.) que permitem desenvolver a atividade agroindustrial de maneira eficiente e com os aspectos sanitários necessários. As técnicas de cultivo também podem entrar nas novidades tecnológicas, como por exemplo o espaçamento das plantas e associação de cultivos como a graviola e a pitáia, o ensacamento de frutos no caso da graviola, a utilização de madeiras reflorestas no cultivo do maracujá, a produção de matéria orgânica com a criação de pequenos animais, a utilização de caldas e extratos para o controle de pragas etc.

A necessidade de comercialização dos produtos cultivados e produzidos pelos agricultores levam às novidades mercadológicas. A própria cooperativa foi criada para esse fim, visto que os agricultores enfrentavam barreiras para a comercialização. Para isso, a construção de mercados de proximidade representado por feiras na própria cooperativa, foi o primeiro passo para transpor a barreira comercial. Logo depois, com a inserção nos mercados institucionais como o PAA e o PNAE, a cooperativa conseguiu ser um importante instrumento para a inserção nesses mercados, pois nem todos possuem DAP (Declaração de Aptidão Produtiva) documento necessário para a entrada dos agricultores nos editais e chamadas públicas. O passo mais recente, foi a introdução dos produtos em mercados de

cadeias longas nos supermercados, rede hoteleira e mercearias em outros municípios e estado. Esses mercados representam a guinada dos agricultores para um outro patamar de geração de renda e propiciam maiores ganhos de autonomia. A cooperativa ao longo dessas duas décadas vem se fixando nesses mercados e ganhando mais confiança e credibilidade, visto que são produtos oriundos da agricultura familiar e são conhecidos pela sua ótima qualidade.

As outras novidades organizacionais geradas dentro da COOPEAGRO, são a Associação Mulheres de Fibra e o Turismo Rural da Trilha do Visgueiro. Ambas as experiências organizativas foram criadas a fim de explorar outras possibilidades de produção, a do turismo rural e a do artesanato local, essas experiências exitosas são possibilidades para a emancipação e fixação de mulheres e jovens no interior dos assentamentos. Essas novas formas de organização são geradas dentro de um ambiente onde a associação e a cooperação mostram-se eficientes para gerar mudanças na realidade local.

As novidades geradas no âmbito da experiência da COOPEAGRO podem ser consideradas multidimensionais, visto que impactam economicamente, socialmente e ambientalmente. No aspecto econômico os agricultores entrevistados salientam a importância da cooperativa para a geração de renda das suas famílias e evidenciam que através da cooperativa eles conseguem ter segurança de saber para onde irão destinar sua produção. No aspecto social a COOPEAGRO representa uma conquista organizacional. Já no aspecto ambiental, o impacto da transformação da paisagem, antes marcada pelo monocultivo da cana-de-açúcar, agora a paisagem nos mostra um mosaico de diversidade produtiva, e ainda a mudança na relação dos agricultores, antes trabalhadores rurais, com a terra e os recursos naturais.

Apesar de serem geradas a partir da relação dos agricultores e atores exógenos essa experiência se mostra como uma experiência localizada, de difícil reprodução em outro contexto. Os resultados alcançados ao longo dos anos só são possíveis pela confluência de fatores sociais específicos do território, as condições edafoclimáticas da região que permitiram a reprodução da fruticultura e o ambiente institucional de um território marcado pela reforma agrária. Esses fatores não podem ser dissociados da experiência cooperativa representada pela COOPEAGRO.

## 5.5 AGRICULTORES EXPERIMENTADORES: A INTERNET E AS REDES SOCIAIS PARA A MOBILIZAÇÃO DE NOVOS CONHECIMENTOS E NOVOS PRODUTOS

Dentro do contexto da COOPEAGRO a questão do conhecimento é central. Visto que é através das trocas entre os próprios agricultores ou a interação destes com técnicos que os produtos e processos de produção presentes na cooperativa são incrementados. Isso mostra que tanto o conhecimento tácito e contextual, quanto o encontro do conhecimento técnico científico representam indutores das novidades. Os agricultores experimentadores, aqueles dotados de maior criatividade e inclinados a experimentar novas formas de fazer são importantes no contexto de geração de novidades da COOPEAGRO.

Em visitas de campo à propriedade de alguns sócios, foram possíveis fazer observações nos lotes e como as experimentações acontecem. Alguns agricultores relatam que a partir das redes sociais, interagindo com outros grupos de agricultores do estado, do município, ou até mesmo de outras regiões do país, eles conseguem se comunicar e obter novos conhecimentos sobre outras culturas, técnicas de manejo e novas ideias de produtos.

A gente troca os conhecimentos, pelo grupo do zap (Whatsapp) é mais rápido, a gente tirar as dúvidas né? Já que está todo mundo lá, os sócios e os técnicos da COOPEAGRO. A gente tem outros grupos também, grupos com outros agricultores de outras regiões (Entrevista 07).

Alguns agricultores possuem áreas experimentais para introdução de novas espécies agrícolas. Em duas das propriedades foram observadas essas áreas (Figura 17), a primeira propriedade foi a do agricultor Ricardo, onde foi mostrada a introdução do açaí. Em uma pequena parcela da unidade produtiva o agricultor estava testando o potencial germinativo das sementes, para obtenção de novas mudas e experimentando qual o melhor espaçamento para a espécie. Ao ser indagado sobre o que o motivava a realizar essa nova atividade, o agricultor respondeu que observando as condições climáticas da região, atrelada a experiências de outros assentados da região para a produção do açaí e contato com informações sobre a espécie na internet, o fizeram se inclinar para realizar a atividade. Atualmente a produção de açaí que começou de forma autônoma, tem chamado atenção de órgãos de governo, na esfera municipal a SEMAPA e na esfera estadual o INCRA, quem vem atualmente

realizando visitas para acompanhar o avanço dos agricultores com a nova atividade. No entanto, as trocas entre os agricultores ainda são as mais valiosas, segundo o proprietário. As boas práticas de produção que resultam em um produto final de qualidade são sempre levantadas pelos próprios agricultores. A ideia é desenvolver o açaí para a comercialização na COOPEAGRO, que atualmente tem apenas polpas, mas o próximo passo é a pasta para consumo direto.

Figura 18 - Área de produção de Açaí propriedade do Sócio Ricardo



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

A segunda propriedade, em que foi observado a experimentação dos agricultores, foi a propriedade do Rivaldo. O agricultor já tem um histórico de contribuição importante para o desenvolvimento da fruticultura em Maragogi, onde foi um dos pioneiros na introdução da graviola no município. Atualmente, o agricultor vem introduzindo a cultura da pitáia, em sua propriedade já pode ser observado uma área de 40 variedades em uma área destinada para formar um banco de variedades (figura 18). O Agricultor, procura sempre mostrar aos seus vizinhos a importância da diversidade, com modelos de produção baseados em consórcios de várias espécies,

ele mostra que é possível fazer um melhor aproveitamento espaço do seu lote com o plantio de pitaia, laranja, pitanga, laranja e limão de forma consociada.

Figura 19 - Área de produção de Pitáia, Assentamento Bom Jesus



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Na propriedade de Dona Vera Lúcia e Adelson no assentamento Bom Jesus, onde também está sendo trabalhada a cultura do açaí (influenciado pelos agricultores experimentadores), foi observado uma atividade inovativa, o café de açaí (figura 19). A agricultora responsável por desenvolver o produto, informou que o café de açaí começou da sua inquietação referente a como fazer o aproveitamento dos resíduos resultantes do despolpamento dos frutos de açaí. Ela conta:

Um dia eu estava despolpando o açaí na casinha de frutas, e juntei os caroços deles... olhei e falei 'acho que tem alguma coisa que pode sair dele'. Aí, fui pensando... pensando... então fui na internet. Logo, pensei em ração animal... nunca pensei em café de açaí... aí, vi que tinha algumas famílias do Pará que faziam. Comecei a fazer, a gente tomou aqui em casa e comecei a fazer uns pacotinhos pequenos e a oferecer para as pessoas experimentar. Foi pelo grupo do zap (whatsapp) que eu comecei a vender [...] (Dona Vera, pesquisa de campo)

Através da internet, a dona Vera foi conhecendo as principais técnicas para a produção do café do açai, suas propriedades medicinais (prevenção a insônia, pressão alta, diabetes, taxa de colesterol, regulador do intestino). O processo para se fazer o café do açai, ainda é todo manual, segundo a agricultora ela está estudando junto com seu marido a possibilidade de desenvolver maquinário adaptado para fazer o beneficiamento das sementes do açai. O processo consiste em secar ao sol as sementes do açai, após feita a secagem é realizado a torra do material por duas horas, leva-se a peneira para separar a fibra que cobre a semente. As últimas etapas consistem em pilar e peneirar o material até virar um pó.

Figura 20 - Café de açai, Assentamento Bom Jesus



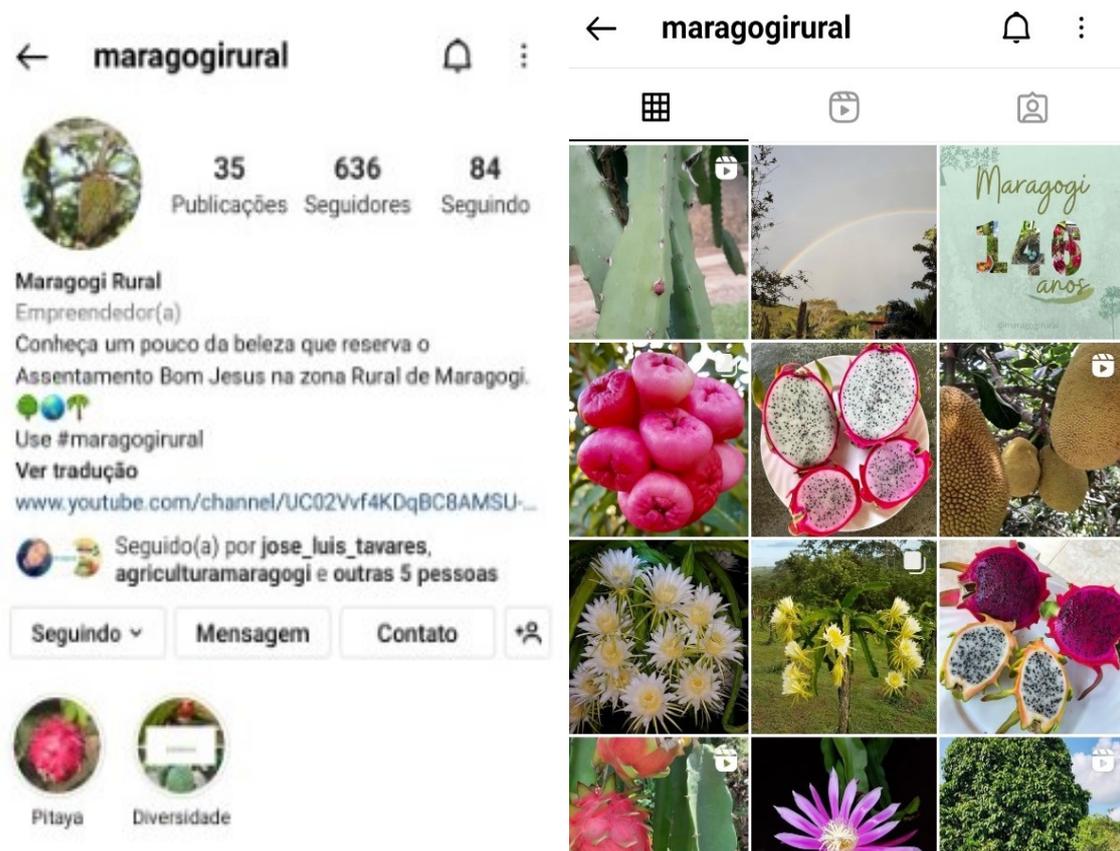
Fonte: Dados da pesquisa de campo.

O uso de ferramentas como a internet e das redes sociais para acessar novos conhecimentos têm se revelado como uma nova estratégia de introdução de práticas inovativas dentro do contexto do rural de Maragogi. Essas ferramentas revelam como as tecnologias comunicacionais utilizadas pelas pessoas no dia a dia ao redor do mundo, e que são muitas vezes associadas a contextos urbanos ou até mesmo em contextos de agricultura de larga escala, também estão sendo utilizados por agricultores familiares para inserir novas atividades em suas unidades de produção,

para encontrar novas alternativas para reutilização do que antes era tido como resíduo e encontrar novas técnicas de produção.

As redes sociais também são hoje ferramentas de aproximação dos consumidores dos produtos produzidos pelos agricultores em Maragogi. Um exemplo do uso das redes para essa aproximação, é a página do Instagram 'Maragogi rural' (Figura 20), que tem o objetivo de mostrar um pouco da realidade do campo no assentamento Bom Jesus. Na página é possível ver como são feitos os plantios, as técnicas de cultivo e consorciação de cultura, as belezas naturais dos lotes, e dessa forma faz um convite para aos consumidores para visitar a localidade e desfrutarem dos sabores do campo.

Figura 21 - Página do Instagram Maragogi Rural



Fonte: Instagram, Maragogi Rural (2022).

Focando o olhar para essas dinâmicas proveniente das experimentações, das interações com o mundo através das redes sociais e das trocas de conhecimento pelos atores endógenos a este contexto, mas também exógenos a ele, é possível observar que a COOPEAGRO se configura como um banco de sementes para a emergência de novidades para a agricultura familiar no município. Dentro das redes

formadas pelos atores, suas interações e os instrumentos mobilizados pelos agricultores é possível a construção de estratégias essenciais para a manutenção de seus modos de vida e produção de seus lotes.

## 5.6 PLANTANDO POSSIBILIDADES COLHENDO AUTONOMIA: A COOPEAGRO E O FORTALECIMENTO DOS AGRICULTORES FAMILIARES ENQUANTO AGENTES DE MUDANÇA

Compreendendo as novidades como desvios nas rotinas existentes, inovações que nascem do dia a dia, que tem como ponto de partida as relações dos atores e suas capacidades de agência nas localidades em que estão inseridas, que este trabalho se propôs a descrever a constituição e as atividades desenvolvidas na cooperativa. Também, foram evidenciados os potenciais inovativos que nascem das interações dos atores e instituições com vistas ao desenvolvimento e fortalecimento da agricultura familiar no município de Maragogi.

A partir deste estudo foi possível identificar que a COOPEAGRO pode sim ser considerada como uma novidade, dado o seu caráter inovador no sentido de se tornar uma nova forma de organização coletiva, mas que para além disso, ela tem se mostrado também um espaço de emergência de outras novidades para a agricultura familiar no município de Maragogi. Como uma novidade organizacional a COOPEAGRO se destaca como uma ferramenta institucional poderosa para se desenvolver a agricultura na região, tanto nas relações produtivas, quanto sociais e econômicas. A partir da organização dos agricultores em uma instituição cooperativa, eles conseguem adentrar em espaços de discussão e assim trazer para o centro suas reivindicações, como é o caso dos espaços institucionais do estado e do município, que consideram a COOPEAGRO como uma instituição séria, consolidada e responsável. Ao longo do levantamento de dados em campo, foi possível identificar a importância da cooperativa nas dinâmicas de desenvolvimento da agricultura familiar na região do litoral norte de Alagoas. Em um dos eventos de apresentação dos planos de desenvolvimento do estado de Alagoas, como parte da programação do Programa Governo Presente, o governador do estado de Alagoas, Renan Filho, visitou a cooperativa, conversou com seu corpo dirigente e estabeleceu um acordo de cooperação com a COOPEAGRO. Essa identificação como instituição de referência, vem da construção coletiva da cooperativa, os agricultores e agricultoras que fazem

parte da cooperativa entendem que a partir da união entre todos, ao longo desse pouco menos de duas décadas, que foi possível que a COOPEAGRO fosse reconhecida atualmente.

No âmbito da COOPEAGRO foi possível identificar a geração de outras novidades, aqui classificadas como novidades produtivas, novidades tecnológicas, novidades de mercados e outras novidades organizacionais, Quadro 1. Essas novidades são geradas a partir do papel desempenhado pela instituição cooperativa de provocação das capacidades do saber-fazer dos seus sócios, e que através dos espaços de troca de saberes e conhecimentos são oportunizadas maneiras outras de produção. Foi possível observar que essas novidades podem ser compreendidas como novidades multidimensionais, impactando nos aspectos sociais, econômicos e ambientais.

Quadro 1 - Novidades geradas no âmbito da experiência organizativa da COOPEAGRO

NOVIDADES PRODUTIVAS	Polpas de frutas; Sucos integrais; Mel e própoles; Artesanato.
NOVIDADES TECNOLÓGICAS	Fábrica de polpas; Casa das frutas; Casa do mel; Novas técnicas de cultivo.
NOVIDADES DE MERCADO	PAA E PNAE; Feiras no galpão Supermercados Pousadas e hotéis
NOVIDADES ORGANIZATIVAS	Mulheres de fibra; Turismo rural trilha do visgueiro.

Fonte: Elaborada pela autora.

É importante destacar quatro pontos sobre a produção de novidades aqui levantadas a partir dos resultados discutidos por este trabalho. O primeiro é confluência de atores exógenos e endógenos a comunidade. Mesmo se mostrando como uma experiência localizada e que dificilmente se conformaria de maneira idêntica em outra localidade, desde o projeto PEAGRO que os agricultores foram influenciados a pensar de maneira cooperativista a partir de um olhar exógeno, das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus e da ONG italiana Semear Vida. Essas trocas feitas por instituições e atores de fora da realidade local, neste caso, foi exitosa, porque diante das confluências possibilitadas por este encontro, aliada as condições

sociais, ambientais e econômicas, fizeram com que a experiência da cooperativa fosse viabilizada.

O segundo ponto importante para destacarmos, é a centralidade do conhecimento, das trocas de saberes neste contexto. Desde o início dos assentamentos o conhecimento tácito, o conhecimento contextual e o conhecimento científico, se somam e dão resultados palpáveis hoje. A princípio, a estratégia de compartilhamento de conhecimento era feita pelos próprios vizinhos de lote, a partir dos repertórios trazidos de seus locais de origem antes de serem assentados da reforma agrária. Com grande destaque para os agricultores com o perfil inclinado para a experimentação. Esses agricultores vistos como agricultores experimentadores, possuem a capacidade de através de seus lotes introduzir novos cultivos, ou reformular práticas que antes não estavam dando resultados esperados. A partir da prática e da observação, esses agricultores conseguem impactar os seus vizinhos, levando os conhecimentos adquiridos em seus lotes. A fruticultura no território foi consolidada a partir dessas trocas de conhecimento. E com a entrada da cooperativa para esta arena, os incentivos com o acompanhamento técnico para a produção de frutas, e depois a necessidade de uma maior produção para o processamento em polpas de frutas, as culturas frutíferas foram ganhando mais espaço. Onde atualmente, não só os sócios, mas também outros atores estão inseridos nas dinâmicas da fruticultura nos assentamentos de Maragogi.

O terceiro ponto que se pode destacar é a possibilidade de emergência de novidades radicais neste contexto estudado. A cooperativa guarda em seu contexto grandes potenciais inovativos, e representa um nicho onde vários processos estão ocorrendo em seu interior. A própria contribuição da COOPEGRO para a consolidação da fruticultura já pode ser considerada uma emergência de uma novidade radical, onde ela representa uma quebra nas rotinas existentes na cultura canavieira e uma substituição por uma maior diversidade de culturas nesse território, ou seja, uma mudança no regime sociotécnico da região.

O quarto ponto, diz respeito as novas dinâmicas de acesso à informação pelos agricultores. Na era das redes sociais, da fácil comunicação pela internet os agricultores e agricultoras estão cada vez mais inseridos nesses espaços virtuais. Esses espaços, conseguem perpassar os limites geográficos, permitindo um maior intercâmbio de saberes e práticas pelos agricultores com outros agricultores familiares que estão separados por longas distâncias. Os grupos de Facebook, Whatsapp e o

Instagram hoje são ferramentas utilizadas por esses atores, tanto para a troca de conhecimentos, como para a divulgação das dinâmicas de produção nos seus lotes. Essas interações virtuais, acabam por ser indutoras de novos produtos, novas ferramentas e novas formas de lidar com os recursos locais.

Portanto os elementos evidenciados neste trabalho, corroboram com a premissa de que é de fundamental importância compreender as dinâmicas locais, as potencialidades, os instrumentos inéditos mobilizados pelos atores dentro dos espaços rurais, antes de introduzir projetos de desenvolvimento. Não é viável, chegar com metas pré-estabelecidas, ou realizar reuniões hierarquizadas, onde os agentes externos ligados aos municípios, ou instituições governamentais, emitem seus objetivos de forma unilateral. É necessário a introdução de técnicas, métodos e instrumentos realmente participativos, que compreendem a potência do conhecimento dos agricultores e que os têm como agentes ativos na construção das políticas públicas voltadas para eles mesmos.

Os agricultores e agricultoras não são meros receptáculos de projetos externos, eles têm capacidade de agir, de se mobilizar, de transformar suas realidades. Portanto, esse trabalho contribui para aguçar o olhar dos agentes públicos para as dinâmicas internas a este território e assim construir modelos de desenvolvimento rural verdadeiramente condizentes com as potencialidades locais.

A COOPEAGRO representa a força da cooperação para o fortalecimento da agricultura familiar em Maragogi. E através dessa experiência, os assentados vem mostrando como de forma autônoma é possível construir novos caminhos de possibilidades para seu território.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar se a experiência da Cooperativa dos Pequenos Agricultores Organizados pode ser considerada uma novidade. Para isto foram mobilizados no quadro teórico a Perspectiva Orientada ao Ator (POA) e a abordagem de Produção de Novidades. A POA foi mobilizada como instrumento teórico analítico afim de trazer para este trabalho a noção de agência humana, que é vista como a capacidade dos atores de serem agentes ativos, dotados de conhecimento que são capazes de exercer um papel central nas tomadas de decisões nos projetos de desenvolvimento rural. E a abordagem de Produção de Novidades que evidenciar o caráter inovador das práticas cotidianas dos agricultores, e revelam que essas práticas possuem capacidade de convergirem para a construção de modelos de desenvolvimento inéditos e autônomos.

Dado o exposto ao longo dos capítulos deste estudo, os objetivos desse trabalho foram alcançados. Neste contexto, foi possível identificar a COOPEAGRO como uma novidade organizacional capaz de influenciar e fortalecer as práticas diárias dos agricultores familiares e remodelar o espaço em que esses agricultores vivem. Os assentamentos de Maragogi, atualmente expressam em suas dinâmicas sociais e produtivas os esforços, ao longo de duas décadas, para o fortalecimento da agricultura familiar. A cooperação foi o caminho encontrado por este grupo consolidado de agricultores, que a partir das interrelações estabelecidas com outros atores sociais, externos a sua realidade, resultou na união de esforços com vistas ao fortalecimento produtivo e comercialização de produtos da agricultura familiar.

Além de ser uma novidade organizacional, a COOPEAGRO também se desenha nesse quando como um banco de sementes inovativas, das quais outras novidades brotam em meio as condições do seu ambiente institucional. Essas novidades geradas se expressam em novos produtos, novas formas de processamento, novas formas de comercialização e fortalecimento de emergência de novas experiências associativas e cooperativas. Essa miríade de atividades inovativas só é possível dada a centralidade das trocas de conhecimento e agência dos atores sociais envolvidos nessa experiência cooperativa.

Através do resgate histórico da cooperativa foi possível identificar, a origem desses atores e de como a partir de seus repertórios trazidos de seus locais de origem, esses ex-trabalhadores rurais e agora agricultores familiares remodelaram sua

identidade, seu território e construíram novas possibilidades para a reprodução de suas famílias. Ao analisar a história da cooperativa, foi possível identificar a agência de cada ator social envolvido na construção da COOPEAGRO, o papel da ONG Semear a Vida e das Irmãs da Associação Sagrado Coração de Jesus que foram verdadeiros apoiadores e financiadores das iniciativas locais, e dos agricultores e agricultoras que a partir do seu saber-fazer modelaram as atividades desenvolvidas pela cooperativa e do corpo técnico da COOPEAGRO que atualmente vem desempenhando o papel propagadores das iniciativas produtivas da instituição.

O conhecimento, a criatividade e a cooperação são os indutores das novidades geradas na COOPEAGRO. O conhecimento, primeiramente visto como barreira para os recém assentados, hoje através das trocas entre os próprios agricultores, e deles com técnicos da cooperativa, se transformam na solução para as dificuldades enfrentadas diariamente. A criatividade, pois sem ela não seria possível contornar as barreiras enfrentadas desde a entrada desses atores no espaço dos assentamentos. E a cooperação, pois cooperando os agricultores conseguem fortalecer suas bases e alcançar seus objetivos comuns.

A COOPEAGRO é a idealização de um sonho. O sonho de colocar por terra todos os pré-conceitos estabelecidos para com assentamentos rurais, como locais de pouca produtividade, de atraso e pobreza. A COOPEAGRO representa para Alagoas a possibilidade de olhar para a produção familiar como potência, geração de riqueza, autonomia e diversidade.

A produção de novidades, representa desvios nas trajetórias existentes, e o caso da COOPEAGRO demonstra como uma experiência a princípio pequena, pode influenciar a impactar todo um território e remodelar todo um sistema produtivo. A fruticultura na região é reflexo dos esforços diários dos agricultores de quebrarem as rotinas da cana e fazer brotar um novo ideário contra hegemônico.

Este contexto empírico se mostra como um rico campo de pesquisa, nele foi possível compreender os processos que levaram a transformação dos assentados, antes trabalhadores rurais e agora identificados como agricultores familiares. Nesse processo de transformação e de construção identitária, as agências desses atores proporcionaram um grande impacto na paisagem, nas relações sociais, ambientais e econômicas dessa localidade. E que a partir deste trabalho se abre caminhos para novos estudos mais amplos sobre as novas dinâmicas territoriais, as territorialidades

construídas por estes atores, para se pensar em novos caminhos para o desenvolvimento rural deste espaço impactado pela reforma agrária.

O que podemos ver analisando o caso da COOPEAGRO e a produção de novidades através da cooperação, foi a demonstração da potência que a agricultura familiar tem nos assentamentos de Maragogi. A reforma agrária no município representou um avanço importante para a redistribuição de terras, mas parando só nessa distribuição sem nenhuma outra política pública voltada para as necessidades dos assentados não é o suficiente. São necessárias políticas que possam dar suporte aos assentados em suas demandas produtivas, de infraestrutura e comercialização dos seus produtos.

Neste caso, a ausência de políticas fez com que a união entre os próprios assentados e a associação com grupos externos inseridos ao contexto, viabilizasse soluções para alguns problemas enfrentados, como as barreiras produtivas dos recém assentados e a abertura de mercados. Os atores exógenos tinham como objetivo compreender as necessidades dos assentados, e desse modo buscar novas respostas, estratégias e ferramentas de forma conjunta para a resolução de problemas inerentes a localidade. Neste quadro de interrelações que a experiência cooperativista da COOPEAGRO foi possível.

Plantando novas possibilidades para a transformação de trabalhadores rurais em agricultores familiares foi possível colher autonomia. Atualmente, a COOPEAGRO representa uma das experiências de êxito da agricultura familiar em Alagoas, reconhecida pelas entidades do governo e referência para outras cooperativas do estado.

Os sócios da COOPEAGRO têm orgulho de serem agricultores familiares, orgulho se serem agentes transformadores de sua realidade e orgulho de produzirem alimentos de qualidade. Se sentem pertencente ao grupo, tem voz e são responsáveis pela reconstrução da trajetória de suas famílias. Atualmente, o corpo diretor da cooperativa já está na segunda geração, agora são os filhos dos fundadores que estão responsáveis por levar a cooperativa para caminhos futuros. Esse é um caminho rumo a renovação da agricultura familiar, da transformação desse espaço e a caminhada para novas trajetórias possíveis.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, C. F. **A cana de açúcar e sua contribuição para formação social de Alagoas e Nordeste brasileiro**: um breve ensaio. Maceió, 2009. Disponível em: <http://palavramundo.frm.edu.br/index.php/mundo/article/viewFile/1/5>. Acesso em: 19 set. 2019.
- ALVES, D.; FIGUEIREDO FILHO, D.; HERINQUE, A. O poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. **Revista Política Hoje**, Recife, v. 24, n. 2, p. 119-134, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/politicohoje/article/view/3723>. Acesso em: 18 mai. 2022
- AMORIM, L. O. *et al.* Novidades Produtivas produtivas: (re)criando a agroecologia no Alto Sertão Sergipano. **Revista de Agroecologia**, Recife, v. 10 n. 3, 2015. Resumos do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/17502>. Acesso em: 24 jun. 2022
- ANDRADE, J. A. **A mata em movimento**: Coroa Portuguesa, Senhores de Engenho, Homens Livres e Pobres e a produção do espaço na Mata Norte de Alagoas. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6021>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- BOTELHO, E. de A. *et al.* Relato de uma experiência de utilização do NVivo® em Pesquisa sobre desaprendizagem organizacional. *In*: CONGRESSO IBERO AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 6., 2017, Salamanca. **Atas [...]**. Salamanca: CIAIQ, 2017. p. 371-380. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1178>. Acesso em: 22 set. 2020.
- BRUNORI, G.; ROSSI, A.; MALANDRIN, V. Co-producing Transition: Innovation Processes in Farms Adhering to Solidarity-based Purchase Group (GAS) in Tuscany, Italy. **International Journal of Sociology of Agriculture and Food**, v. 18, n.1, p. 28-53, 2011. Disponível em: [http://www.socioeco.org/bdf\\_fiche-document-3102\\_pt.html](http://www.socioeco.org/bdf_fiche-document-3102_pt.html). Acesso em: 29 jun. 2022.
- CAVALCANTI, V. O. de M. *et al.* A análise de conteúdo com a utilização do software NVivo: a aplicação no campo da educação profissional. *In*: ENCONTRO IBÉRICO EDICIC, 8., 2017, Porto. **Anais [...]** Porto: Universidade de Coimbra, 2017. p. 1145-1152. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1417>. Acesso em: 22 set. 2020.
- COSTA, I. **Produção associada**: pensares diversos. Petrópolis: Vozes, 1989.
- COSTA, J. H. Q.; FERNANDES L. A. O. Sustentabilidade de assentamentos rurais em Alagoas, em 2012. *In*: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ECOLÓGICA, 10., 2013. Vitória. **Anais [...]** Vitória: UFES, 2013. p. 1-

20. Disponível em: [http://ecoeco.org.br/wp-content/uploads/2022/02/anais\\_ecoeco\\_xii.zip](http://ecoeco.org.br/wp-content/uploads/2022/02/anais_ecoeco_xii.zip). Acesso em: 04 out 2021.

COSTA, L. F. *et al.* Democracia e desenvolvimento local em assentamentos rurais. **Revista Interações**, Campo Grande, v.11, n.2, p.161-169, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-70122010000200005> Acessado em: 19 fev. 2022.

DELGADO, N. G. Política econômica, ajuste externo e agricultura. *In*: LEITE, S. (org.). **Políticas públicas e agricultura no Brasil**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. p. 17-54.

DIEGUES JUNIOR, M. **O banguê nas alagoas**: traços da influência do sistema econômico do engenho de cana-de-açúcar à vida e na cultura regional. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2006.

DINIZ, Débora. **Carta de uma orientadora**: o primeiro projeto de pesquisa. 2. ed. Brasília: Letras Livres, 2013.

ESCOBAR, A. El “postdesarrollo” como concepto y práctica social. *In*: MATO, D. (coord.). **Políticas de economía, ambiente y sociedad en tiempos de globalización**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2005. p. 17-31.

ESPÍNDOLA, T. B. **A geografia alagoana ou descrição física, política e histórica da Província das Alagoas**. Maceió: Catavento, 2001.

FABRINI, J. E. A cooperação agrícola nos assentamentos: uma proposta política. **Geografia**, Londrina, v.9, n.1, p.68-78, 2000. Disponível: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/10177>. Acesso em: 15 out. 2021.

FREITAS, L. D. C. de; ARRUDA, J. A. de A.; FALQUETO, J. M. Z. Uso do software Nvivo® em investigação qualitativa: ferramenta para pesquisa nas ciências sociais. *In*: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 6., 2017. Salamanca. **Atas[...]**, Salamanca: CIAIQ, 2017. p. 621-626. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1436>. Acesso em: 22 set. 2021.

FONTANELLA, B. J. B.; MAGDALENO JUNIOR, R. Saturação teórica em pesquisas qualitativas: contribuições psicanalíticas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p. 17-27, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287123554008> Acesso em: 17 jun.2022.

GAZOLLA, M. **Conhecimentos, produção de novidades e ações institucionais**: cadeias curtas das agroindústrias familiares. 2012. 294 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/72252>. Acesso em: 14 nov. 2021.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOODMAN, D.; SORJ, B.; WILKINSON, J. **Da lavoura às biotecnologias:** agricultura e indústria no sistema internacional. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788599662298>. Acesso em: 04 jun 2022.

GRAZIANO, J. S. O progresso técnico na agricultura. **Cadernos de Difusão de Tecnologia**, Brasília, v. 7. n. 1/3, p.13-46, jan./dez. 1990. Disponível em: <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/9119>. Acesso em: 27 mai. 2022.

HAYAMI, Y.; RUTTAN, V. W. **Agricultural development:** na international perspective. Baltimore: John Hopkins Press, 1971.

HOFFMANN, M. V.; OLIVEIRA, I. C. S. Entrevista não-diretiva: uma possibilidade de abordagem em grupo. Relato de Experiência. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 62, n. 6, 2009, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000600021> Acesso em: 17 de junho de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Agropecuário 2017:** resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA. **Assentamentos de Maragogi-AL entram na rota da fruticultura.** Maceió, 2021. Disponível em <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/noticias/assentamentos-demaragogi-al-entram-na-rota-da-fruticultura> Acesso em: 20 fev. 2022.

JACKS, N. *et al.* Uso de softwares na abordagem qualitativa: a experiência da pesquisa “Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência”. **Revista de Epistemologias da Comunicação**, São Leopoldo, v. 4, n. 7, p. 46-54, 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12492>. Acesso em: 23 set. 2020.

LAGE, M. C. Utilização do software NVivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 12, [s.n.], p. 198-226, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v12i0.1210>. Acesso em: 23 set. 2020.

LIMA, A. A. **A agroindústria canavieira alagoana:** da criação do IAA a desregulamentação na década de 1990. 2001. 117p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285559>. Acesso em: 12 jul. 2021.

LIMA, A. A. de. **A crise que vem do verde da cana:** uma interpretação da crise financeira de Alagoas no período 1988-96. Maceió: EDUFAL, 1998. (Série apontamentos, 30).

LONG, N. **Sociología del desarrollo:** una perspectiva centrada en el ator. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social: El Colegio de San Luis. 2007.

LONG, N.; PLOEG VAN DER, J. Heterogeneidade, ator e estrutura: para a reconstituição do conceito de estrutura. *In*: SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (org.). **Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais**. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 2011. p. 21-48.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4. ed. Porto Alegre: Brookman, 2006.

MAANEN, J. V. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. *In*: **Administrative Science Quarterly**, New York, vol. 24, n. 4, December 1979, p. 520-526. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2392358>. Acesso em: 29 jun. 2022.

MARQUES, F. C. **Velhos conhecimentos, novos desenvolvimentos: transições no regime sociotécnico da agricultura**. A produção de novidades entre agricultores produtores de plantas medicinais no sul do Brasil. 2009. 221 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/18316>. Acesso em: 05 nov. 2021.

MARQUES, F. C. Nicho e novidade: nuances de uma possível radicalização inovadora na agricultura. *In*: SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (org.). **Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 189-204.

MEDEIROS, M. **Sendas da sustentabilidade no desenvolvimento rural: os passos e os percalços da construção de um novo código sociotécnico em campo**. 2017. 319 f. Tese (Doutorado em Agroecossistemas) - Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185604>. Acesso em: 13 out. 2021.

MEDEIROS, M. *et al.* A constituição de uma novidade organizacional no Sul do Brasil: avanços e limites da participação da agricultura familiar. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Santa Maria, v. 58, n.3. 2020 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.209211> Acesso em: 29 jun. 2022.

MILONE, P. **Agriculture in transition: a neo-institutional analysis**. Assen: Van Gorcum, 2009.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, C. C. S. **Assentamento Itabaiana: uma perspectiva de emancipação a partir da participação política**. 2010. 189 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3611>. Acesso em: 27 jun. 2022.

NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 83-100, 2001.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000300009>. Acesso em: 29 jun. 2022.

NUNES, E. M. *et al.* Novidades (novelty) na agricultura familiar e sua associação com a agroecologia na produção de hortifrutigranjeiros no território do Sertão do Apodi (RN). **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n.1, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/9292>. Acesso em:

OLIVEIRA, A. E. C.; PACÍFICO, A. P. A reforma agrária como instrumento eficaz para promover a função social da propriedade e dizimar conflitos: o caso da coopeagro. **Olhares plurais**, Maceió, v. 2, n. 5, p. 128-145, 2011. Disponível em: <http://revista.seune.edu.br/index.php/op/article/view/53/0>. Acesso em: 15 out. 2020.

OOSTINDIE, H.; BROEKHUIZEN, R. Van. The dynamics of novelty production. *In*: PLOEG, J. D. Van der; MARSDEN, T. (ed.). **Unfolding webs: the dynamics of regional rural development**. Assen: Van Gorgum, 2008. p. 68-86

PINHO, D. B. **O cooperativismo no Brasil: da vertente pioneira à vertente solidária**. São Paulo: Saraiva, 2004.

PIRES, M. L. L. S. **O cooperativismo em questão: a trama das relações entre projeto e prática em cooperativas do Nordeste do Brasil e do Leste (Quebec) do Canadá**. Recife: Massangana, 2004.

PLOEG, J. D. Van der *et al.* On Regimes, Novelty, Niches and Co-Produção. *In*: PLOEG, J. D. Van der; WISKERKE, J.S.C. (ed.). **Seeds of transition**. Assen: Van Gorcumm, 2004. p. 1-30.

PLOEG, J. D. Van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2008.  
RAMOS, P. **Agroindústria canavieira e propriedade fundiária no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

RICARDIO, L. A modernização conservadora da agricultura brasileira, agricultura familiar, agroecologia e pluriatividade: diferentes óticas de entendimento e de construção do espaço rural brasileiro. **En Cuad. Desarro. Rural**. Bogotá, v.8, n. 67, p. 231-249. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/cudr/v8n67/v8n67a10.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2022.

ROGERS, E. M. **Diffusion of innovations**. 5th ed. New York: Free Press, 2003.

ROMEIRO, A. R. Dinâmica de introdução de inovações na agricultura: uma crítica a abordagem neoclássica. **Revista de Economia política**, São Paulo, v.11, n.11, jan./mar. 1991. Disponível em: <https://centrodeeconomiapolitica.org.br/repojs/index.php/journal/article/view/1447>. Acesso em: 18 fev. 2022.

ROMEIRO, A. R. Mecanismos indutores do progresso técnico na agricultura- elementos de uma abordagem evolucionária. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**,

Brasília, v.11, n. 1/3, p.32-57, 1994. Disponível em:  
<https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/9025>. Acesso em: 18 fev. 2022.

SANTANA, M. M. **Contribuição à história do açúcar em Alagoas**. Recife: Museu do Açúcar, 1970.

SANTOS, A. L. S.; PEREIRA, E. C. G.; ANDRADE, L. H. C. A expansão da cana-de-açúcar no espaço alagoano E suas consequências sobre o meio ambiente e a identidade Cultural. **Campo-território: revista de geografia agrária**, v.2, n. 4, p. 19-37, ago. 2007.

SCHULTZ, T. W. **A transformação da agricultura tradicional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

SCOPINHO, R. A. Sobre cooperação e cooperativas em assentamentos rurais. **Psicol. Soc.** v. 19, n. spe, p.84-94, 2007.

SEMEAR A VIDA. **Imaggini**. Disponível: <http://www.semearavida.org/immagini/>. Acesso: 10 mar. 2022.

STUIVER, M. **Regime, change and storylines**: a sociological analysis of manure practices in contemporary Dutch farming. Wageningen: Wageningen University, 2008.

SWAGEMAKERS, P. Novelty production: new directions for the activities and role farming. *In*: HUYLENBROECK, G. van; DURAND, G. **Multifunctional Agriculture**: a new paradigm for European Agriculture and Rural Development. Hampshire: Ashgate, 2003. p. 189-207.

VENTURA, F.; MILONE, P. Novelty as redefinition of farm boundaries. *In*: PLOEG, J. D. van der; WISKERKE, J. S. C. (ed.). **Seeds of transition**: essays on novelty production, niches and regimes in agriculture. Assen: Van Gorcum, 2004.

VÍCTORA. C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN. M. N. A. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

**APÊNDICE A - MODELO DE DIÁRIO DE CAMPO**

Nº \_\_\_\_\_

**Pesquisa:** ENTRE ATORES, REDES E INSTITUIÇÕES: A PRODUÇÃO DE NOVIDADES NA AGRICULTURA FAMILIAR ATRAVÉS DA COOPERAÇÃO, O CASO DA COOPEAGRO EM MARAGOGI-AL

**Participante(s):**

**Duração do encontro:**

**Data:**

**Local:**

**NOTAS:**

**REFLEXÕES:**

## APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:	Idade:
Local:	Gênero:

### Perfil dos entrevistados(as)

1. Qual sua ocupação (profissão) atual?
2. Antes de se fixar nesta localidade, de onde você era?
3. Você participa ou participou de algum movimento social? Qual?
4. Você poderia me contar um pouco da sua trajetória/história de vida até chegar nessa localidade?
5. Você tem acesso à assistência técnica?
6. Você tem acesso a crédito rural?
7. Possui vínculo com algum programa governamental?
8. Tamanho da propriedade?
9. O que a terra significa para você?

### Sobre a Composição familiar

1. Quem reside com você?
2. Como são divididas as atividades no lote?
3. Como são tomadas as decisões?
4. Qual a ocupação das pessoas que residem com você?

### Aspectos produtivos

#### (a) Quais as principais culturas produzidas?

<b>Culturas</b> <i>(Maior para a menor importância)</i>	<b>Destino</b> <i>(Comercialização/ subsistência/outros)</i>

(b) Quais as principais técnicas de manejo empregadas nas culturas?

(c) Você poderia me contar um pouco da trajetória (história) de como você começou a implantar essas culturas? Quais as pessoas (entidades ou instituições) envolvidas nessas mudanças ao longo do tempo?

(d) Como as sementes, mudas, ferramentas, adubos, máquinas são introduzidos no seu sistema de produção. Por onde você tem acesso a elas?

(e) Quais as principais etapas de condução da sua produção até o destino final?

(f) Você comercializa sua produção? Quais as principais vias de comercialização?

#### **A relação do entrevistado(a) com a COOPEAGRO**

(a) Você é associado a cooperativa a quanto tempo?

(b) Você poderia me contar um pouco da sua trajetória (história) de como se aproximou da cooperativa?

(c) Qual a importância e quais as principais mudanças (novidades) que a cooperativa proporcionou a você e ao local em que vive?

- (d) Você participa ativamente dos espaços de discussão e decisão na cooperativa?  
Poderia me contar qual sua opinião sobre esses espaços?
- (e) Qual sua opinião sobre o cooperativismo?
- (f) Quais as atividades produtivas que você implantou por conta da cooperativa?
- (g) Quais as melhorias nas suas atividades produtivas que têm relação direta com a cooperativa?

### APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA NÃO DIRETIVA

Instituição:	Cargo/função:
	Data do encontro:

OBJETIVOS	PROVÁVEIS QUESTIONAMENTOS
<b>Papel institucional</b>	
<b>Características regionais</b>	
<b>Atividades promovidas</b>	